

Copyright @ Dilsa Tenório
Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998

PROJETO GRÁFICO: Ricardo Melo

Imagens da capa:

- Background | jannoon028 - www.freepik.com
- ID 17802407 © Mona Makela | Dreamstime.com
- Arquivo Dilsa Tenório

REVISÃO DE TEXTO: David Randall

FOTOGRAFIAS: Álbum de família

IMPRESSÃO: Companhia Editora de Pernambuco - Cepe
Recife - PE, outubro de 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tenório, Dilsa
Raízes Sertanejas / Targelia de Souza
Recife : Cepe Editora, 2021.

ISBN 978-85-7858-880-9

1. Carinaíba- {PB} História 2. Doddrell, Dilsa
Tenório 3. Memórias autobiográficas 1. Título.

21-83294

CDD-920

Índices para catálogo sistemático:

1. Memórias autobiográficas 920

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Impresso no Brasil 2021
Foi feito o depósito legal

DEDICATÓRIA

Com este livro desejo prestar um tributo pessoal as
minhas três mães: bisavó Filomena Maria de Oliveira, avó
Maria de Lourdes Tenório de Oliveira e minha mãe Ismênia
Tenório da Silva, a quem devo os dois mais preciosos
legados: "raízes" para pertencer e "asas" para voar.

Ao meu marido John Doddrell, que com amor e
constante encorajamento, me acompanhou a cada
parágrafo deste livro.

Sumário

PREFÁCIO	9
Dr. José de Anchieta Gomes Patriota, Prefeito de Carnaíba	
INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I	
E ASSIM TUDO COMEÇOU... UMA PORTUGUESA NO SERTÃO	
BRASILEIRO (1889-1902)	21
CAPÍTULO II	
UM CORONEL ENTRA EM CENA (1902-1908)	35
CAPÍTULO III	
SUPERANDO AS ADVERSIDADES (1908-1926)	47
CAPÍTULO IV	
ENFRENTANDO LAMPIÃO (1926- 1939).....	59
CAPÍTULO V	
UMA SERTANEJA E SEUS 14 FILHOS (1939-1959)	81
CAPÍTULO VI	
VIDA CARNAIBANA (1939-1959).....	93
CAPÍTULO VII	
MAR À VISTA (1962-1993)	105
CAPÍTULO VIII	
TRÊS MULHERES, TRÊS GERAÇÕES, UM SÓ LEGADO	119
POSFÁCIO	139
AGRADECIMENTOS.....	148

Prefácio

José de Anchieta Gomes Patriota



Viajei nos tempos de minha infância e juventude, lendo esse belo livro em forma de relato de pedaços significativos da vida dessa Carnaibana extraordinária, Dilsa Tenório Doddrell.

Esse é um livro que a gente começa a ler e não consegue parar, porque viaja séculos, continentes, mas, o coração carrega as raízes mais genuínas e amorosas das terras sertanejas de Carnaíba.

Dilsa consegue falar da sua ancestralidade, da bisavó portuguesa, que lutou por seu amor, rompeu com a família e construiu sua família, carregando muita dor e perdas, como bem descreve a autora: "(...) Uma história de bravura, amor e destemor, em que três gerações de mulheres lutaram, enfrentando as vicissitudes da vida no sertão, para criar e educar os seus filhos (...)".

Dilsa viaja pela infância em Carnaíba, onde nasceu pelas mãos da parteira, "Mãe Cotia", que amorosamente cumpria o papel de "doutora" dos partos com o conhecimento tradicional passado através de gerações, tendo todos os cuidados com as mães nos seus partos.

Tempos bons, de fartura em encontros nas farinhadas, nas dores diante dos longos períodos de estiagem e secas, mas

foi nessa briosa e inspiradora terra banhado pelas abençoadas águas do rio Pajeú, que Dilsa marcou profundamente sua trajetória. Ela, que fez o caminho inverso de sua bisavó, que veio de Portugal ao Brasil, indo estudar no Recife e morar por cerca de 30 anos na Inglaterra. Mas em lugar nenhum, suas “raízes sertanejas” a abandonaram e a deixou sem esperança em seu viver.

Fiquei muito feliz quando Dilsa me convidou para escrever essas linhas, pois o que me abastece a vida são os sinais de grandeza dessas pessoas, que carregam o que há de melhor no sentimento de humanidade, seguem caminhos diversos em suas atividades profissionais, mas permanece sertanejo, de amor e formação, como ser.

Dilsa destaca entre outras coisas, a boa educação que Carnaíba desenvolve, desde os tempos de sua infância, o que nos orgulha pela que realizamos nos tempos presentes, mantendo-a entre os primeiros lugares nos sistemas de avaliação no estado.

Ela consegue de forma muito especial escrever com clareza, de forma poética, em muitos momentos, uma verdadeira “ode ao sertão e aos sertanejos”. O que em todo o discorrer de seu livro se entra na história das lutas, dos tempos dos coronéis, de Lampião, dos sistemas de trabalho, como dos famosos “almocreves”, sendo o seu avô um deles, que viajavam pelos sertões levando alimentos e trazendo utensílios, eram viajantes com suas mercadorias, levadas nos lombos dos burros, levando os produtos da terra e trazendo outros para atender as necessidades das populações na região.

Sua mãe, Ismênia é também destacada no livro, pois chegou a Carnaíba, com a família, com 12 anos de idade, em 1939, quando ainda era uma vila de Flores, ela fala sobre personagens como o Padre Frederico Maciel, que escreveu entre outros, o livro *Carnaíba – A Pérola do Pajeú* e grande compo-

sitor e médico Zedantas, que até hoje nos presenteia com a sua obra que nos enche de alegria e amor por esta terra querida.

Por isso que escritores e artistas, muitas das vezes, são denominados de “imortais”, pois eles seguem o destino de todas as pessoas, de aqui viver e se encantarem, mas suas obras continuam por gerações e pela eternidade, pois o que fizeram e fazem, com a arte e a cultura, sustenta as gerações presentes e futuras de raízes e amor pela vida.,

Dilsa fala também, que “(...) Nós somos o resultado deste passado vivido por eles (...). Descobrir este passado nos ajuda a entender o nosso presente, a essência do que somos e como vislumbramos o futuro (...)”. Por isso, investigar a história de nossa origem, dos nossos antepassados, podem nos ajudar muito no presente, não é por acaso que tenho muito apego as políticas de cultura, o desenvolvimento das escolas de música, da educação e da saúde no município, porque sou fruto da história da minha família, de meu pai músico, da luta deles para que pudéssemos estudar e ir atrás dos sonhos, isso me foi construindo o senso de justiça e de amor pela minha querida terra de Carnaíba.

Estou ansioso por ver esse livro sendo lido pelos Carnaibanos, pois essa trajetória de Dilsa e de sua família, das “três gerações de mulheres”, nos servirão como exemplo e inspiração, pois a vida é luta, é poesia, é inspiração, é busca, é sonhar e ir atrás da sua realização, em todos os momentos da vida.

Uma das constatações mais significativas desse livro é quando Dilsa diz: “(...) Depois de viver muitos anos na Inglaterra, meu coração é sertanejo (...)”. Essa bela constatação é o que nos impulsiona e nos faz vibrar como sertanejos, para enfrentar os desafios e as vicissitudes da vida, com esperança, paz e amor.

Um conto ligeiro

Resgatar o passado é um exercício que me fascina. Como um gigante quebra-cabeças formado por milhares de pedacinhos, somos o resultado das pegadas deixadas por nossos ancestrais ao longo dos anos. Nós somos o resultado deste passado vivido por eles. Descobrir este passado nos ajuda a entender o nosso presente, a essência do que somos, e como vislumbramos o futuro.

"Nunca podemos fugir do nosso passado. O passado nos alcançará porque somos nós. É uma parte de nós; é o que nos faz ser. É o que delinea as fronteiras de nossas sociedades."

J. Oppenheimer, físico americano.

São as nossas raízes que determinam muito daquilo que gostamos ou desgostamos, nossos costumes, tradições e superstições. Sendo parte de uma família com fortes tendências matriarcais, as mulheres/mães ocuparam uma posição de destaque na organização social da nossa família e, por extensão, na comunidade em que viveram. Os ensinamentos que recebi, a experiência que me foi passada por minha mãe, e através dela, suas ascendentes, moldaram as minhas raízes. Foram mulheres fortes que assumiram a liderança

da família, não somente em criar e educar os seus filhos, mas também contribuíram para o seu sustento financeiro.

A imagem metafórica que me vem à mente é a figura da “mãe umbuzeiro,” símbolo de resistência no Sertão. Como uma mãe dedicada, o umbuzeiro avança suas raízes nas profundezas do solo arenoso e pedregoso, à procura da água preciosa; suas folhas e frutos alimentam os seus filhos. À semelhança de nossas mães, ele também proporciona aconchego, sombra e descanso quando, cansados, procuramos seu colo.

Em seu icônico livro *Os Sertões*, Euclides da Cunha reconhece ser o umbuzeiro “a árvore sagrada do sertão,” isto porque suas raízes acumulam água e produzem uma batata, que em época de seca, pode ser utilizada como alimento. Declara ainda ser o umbuzeiro uma “Sócia fiel das rápidas horas felizes e longos dias amargos dos vaqueiros. Alimenta-o e mitiga-lhe a sede. Abre-lhe o seio acariciador e amigo, onde os ramos recurvos e entrelaçados parecem de propósito feitos para a armação das redes bamboantes.”

Sou filha do Sertão, do solo onde nasci. Esta relação telúrica, entre o homem e a terra que o gerou, é muito forte. Como escrevi em meu livro de memórias *Os Mais Belos Sonhos Sonhei*, compreender o ecossistema do meu local de nascimento, seu solo, flora e fauna, me fez perceber o quão poderosas são as nossas raízes em moldar nossas atitudes e a maneira como interpretamos a vida. Também explica porque, mesmo depois de viver tantos anos na Inglaterra, meu coração ainda é sertanejo.

Raízes Sertanejas representa um mergulho no passado, no qual narro a fascinante jornada dos meus ancestrais, que emigraram de Portugal nas últimas décadas do século XIX, para viver no Sertão nordestino brasileiro. Uma história de bravura, amor e destemor, em que três gerações de mulheres lutaram, enfrentando as vicissitudes da vida no

Sertão, para criar e educar os seus filhos. Foram mulheres e sertanejas, ou seja dose dupla de tenacidade e resiliência. Parafraseando Euclides da Cunha, ao declarar que “o sertanejo é antes de tudo um forte,” gostaria de acrescentar que as mulheres sertanejas são, antes, durante e depois de tudo, fortes!

O resgate das memórias e experiências vividas por minha bisavó (1880), avó (1908) e mãe (1927) no Sertão nordestino, trazem consigo um rico legado histórico político-social. Ao relatar suas memórias almejo ressaltar importantes aspectos da história social de uma época que remete ao Brasil Império, destacando temas como a venda de terras brasileiras, abolição da escravidão, coronelismo, voto feminino, Lampião e o cangaço no Sertão. O livro representa, em última análise, uma ode ao Sertão e aos sertanejos, ressaltando sua cultura, costumes, música e poesia.

Nos Capítulos I e II, narro a chegada da minha bisavó Philomena, ainda criança, com sua família de emigrantes portugueses para o Sertão de Pernambuco no ano de 1889, e o seu casamento com o meu bisavô Coronel João Tenório de Mascarenhas, grande latifundiário e produtor de café da região. Suas experiências de vida e nascimento dos seus filhos, incluindo minha avó Maria de Lourdes são relatados nos Capítulos III e IV, incluindo o episódio da visita de Lampião. Os Capítulos V, VI e VII são dedicados às memórias da minha mãe Ismênia e seus 14 filhos, incluindo o tempo em que vivemos em Carnaíba, minha terra natal. E finalmente o Capítulo VIII trata do legado deixado por estas mulheres para seus descendentes.

“Há apenas dois legados duradouros que podemos esperar dar a nossos filhos. Um deles são raízes, o outro, asas.”

Johann Wolfgang von Goethe, escritor alemão

Diante do desafio de narrar uma história que se desenrola ao longo de mais de um século, busquei inspiração nos ensinamentos bíblicos do Salmo 90, que nos revela a dimensão da transitoriedade dos nossos dias e aponta o contraste da nossa pequenez em relação à grandiosidade do Universo.

“Porque mil anos são aos teus olhos como o dia de ontem que passou, e como a vigília da noite. Tu os levas como corrente à água; são como um sono; são como a erva que cresce de madrugada; De madrugada cresce e floresce; à tarde corta-se e seca... Acabam-se os nossos anos como um conto ligeiro...”

E é este conto ligeiro que me proponho a escrever...

1

E ASSIM TUDO COMEÇOU... UMA PORTUGUESA NO SERTÃO BRASILEIRO

(1889-1902)



"Pois será como a árvore plantada junto a ribeiros de águas, a qual dá o seu fruto na estação própria; e cujas folhas não caem, e tudo quanto fizer prosperará."

Salmo 1:3

O grande dia finalmente havia chegado! O dia da grande odisséia! A bordo de um vapor, atravessariam os mares para chegar ao Novo Mundo. Assim como Deus prometeu a Abraão, chegariam à "terra prometida," a "terra que mana leite e mel," a terra das grandes oportunidades, onde encontrariam fortuna, prosperidade e riquezas abundantes – chegariam ao Brasil.

À beira do cais, a menina Philomena atentamente tudo observava, seu olhar perplexo admirava aquele imenso navio ancorado no porto, uma imagem que mais lhe parecia um gigantesco monstro marinho emergindo das águas. Seus lindos olhos azuis brilhavam com um misto de apreensão mas, principalmente, intensa euforia; seu pequeno coração batendo forte em antecipação à longa jornada à sua frente, uma viagem que prometia ser cheia de aventuras e encantamento.

Estávamos no ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1889. Philomena Maria de Oliveira, que muitos anos mais tarde tornar-se-ia minha bisavó, contava apenas com dez anos de idade. Acompanhada de seus pais e quatro irmãos mais velhos, Lalá, Mãezinha, João Alves e Avelino, juntavam-se a centenas de outros emigrantes portugueses que se aglomeravam no cais do porto de Funchal, Ilha da Madeira, aguardando a ordem para embarcar.

Nesta época, final do Brasil Império, houve um grande fluxo migratório de portugueses, atingindo seu ápice na primeira metade do século XX, quando anualmente, desembarcavam em terras brasileiras, uma média de 25 mil por-

tugueses, tornando-se assim o maior número de imigrantes europeus no Brasil.

Narram os historiadores que vários fatores influenciaram este grande êxodo de cidadãos portugueses. Portugal passava por um período de instabilidade política e econômica. Uma das razões para este declínio foi o fato de que, enquanto outros países europeus aderiam à revolução industrial, Portugal se manteve essencialmente um país agrícola, o que implicou o grande aumento de desempregados no país, tanto na zona rural como em sua precária indústria.

Concomitantemente à depressão econômica, havia também uma grave crise política, com consequente repressão e cessamento da liberdade de expressão. Aliada a este fato, vigorava na época a obrigatoriedade ao serviço militar, que durava longos seis a sete anos, levando os homens portugueses a deixarem o seu país.

Por outro lado, impulsionado pela abolição da escravatura em 1888, o Brasil estimulava a entrada de europeus, principalmente para o trabalho na lavoura, como uma solução para a crise decorrente do declínio da mão de obra escrava. Os homens portugueses, por sua vez, consideravam o Brasil uma atraente alternativa para emigração. Anúncios eram diariamente publicados em jornais, destacando a demanda pela mão de obra dos imigrantes portugueses na zona rural, como este publicado nas páginas do Diário de Pernambuco.

"Precisa-se de trabalhadores chegados há pouco da Europa, para servirem de feitores, administradores, caixeiros, além de homens para a agricultura." Ainda este outro anunciante, proprietário de um engenho em Serinhaém, publicou, no Diário Novo, que precisava de "um homem português que entenda do serviço de campo e possa administrar ou feitorizar os escravos."

Como acontecia frequentemente naquela época, meus ancestrais tinham ouvido falar por seus compatriotas portu-

gueses, já estabelecidos no Brasil, que lá havia abundância de trabalho e terras para serem ocupadas. Os pais da minha bisavó tinham a intenção de comprar terras, se estabelecerem e começar uma próspera nova vida com os seus filhos. Para a menina Philomena, nada disso entrava em consideração, tudo que ela queria era embarcar naquele navio gigantesco e viver uma grande aventura. Havia sonhado muitas vezes com este dia.

Seria uma longa viagem, disseram seus pais, teriam que atravessar o Oceano Atlântico para chegarem ao Brasil, onde tudo seria diferente; as pessoas falavam de forma diferente, os costumes eram diferentes e o clima era muito quente. Em sua imaginação, Philomena sonhava com este mundo novo, e como num conto de fadas, imaginava que seria como no livro *Alice no País das Maravilhas*, um lugar mágico cheio de aventuras, povoado com criaturas fantásticas.

Mal sabia a pequena Philomena da jornada cansativa que iria ter pela frente, viajando nas condições desconfortáveis das embarcações daquela época, onde havia pouca ventilação e a comida era escassa. Juntamente com os outros cerca de 150 emigrantes que embarcaram na Ilha da Madeira, enfrentariam condições precárias e competiriam pelo espaço limitado dos cômodos, apinhados como que sardinhas em lata. Estas eram as condições básicas dos vapores que faziam a travessia do Atlântico e transportavam passageiros e cargas no século XIX.

Os "vapores," como o nome sugere, eram embarcações com motorização movida a vapor. De início, os cascos eram de madeira, sendo mais tarde substituídos por cascos metálicos. Estes tipos de embarcações gradualmente substituíram os "veleiros," a partir da segunda metade do século XIX. Os veleiros eram bem mais lentos, uma vez que, ao depender da posição dos ventos, o tempo de viagem era imprevisível e podia durar longos meses.

Devido a este fato, havia um alto risco de faltar água e os alimentos se deteriorarem, comprometendo a saúde dos passageiros. Há relatos do Cônsul Geral de Portugal no Rio de Janeiro de que a travessia de um certo veleiro, no ano de 1857, durou 62 dias, sendo registrado que os passageiros foram acometidos por doenças como sarampo, febres gástricas e disenterias.

Felizmente as condições dos vapores em que viajaram meus antepassados eram bem melhores do que as dos veleiros. Por serem mais rápidos, encurtavam a duração e a previsibilidade da travessia, o que agregava mais conforto físico e psicológico, principalmente para os passageiros com pouca condição financeira, viajando na terceira classe, como imagino fosse o caso da família Oliveira. Relatos da época sugerem que eles provavelmente levaram em torno de 28 dias para completar a travessia do Atlântico.

Assim que chegaram ao Brasil, a família, composta de minha bisavó Philomena Maria de Oliveira, filha mais nova do casal Oliveira, o irmão mais velho Avelino Alves de Oliveira, seguido pelo irmão João Alves de Oliveira e as irmãs conhecidas por Lalá e Mãezinha, cujos nomes completos infelizmente não sabemos, se instalou numa localidade chamada Serrote da Furna, atual distrito de Catende, no Sertão Alagoano; ali compraram terras e se estabeleceram.

Sabia-se que havia interesse, por parte da coroa portuguesa, que os recém-chegados imigrantes se instalassem no interior nordestino, particularmente no Sertão, onde havia grandes extensões de terras devolutas despovoadas. Desde os anos 1530 até 1812 vigorou no Brasil o sistema jurídico de sesmarias, através do qual a coroa portuguesa destinava terras sem culturas, ou abandonadas, a particulares que se comprometessem a cultivá-las e povoá-las. Cada sesmaria tinha cerca de 6.500 mil metros quadrados.

Narra Ulysses Lins de Albuquerque, em seu livro *O Sertanejo e o Sertão* (Cepe 2012), que um dos seus ascendentes, o português Pantaleão Siqueira foi possuidor de uma extensa sesmaria, com terras que se estendiam desde os limites do atual município de Sertânia com Arcoverde até a cidade de Custódia. Conta ainda uma curiosidade que, para a medição das sesmarias, o medidor montava em seu cavalo, acendia um cachimbo e, conduzindo o animal para que marchasse a passo, determinava a medição de uma légua, quando o cachimbo se apagava. O sistema de sesmarias foi substituído pela "Lei de Terras" promulgada em 1850, a qual estabeleceu a forma de concessão de novas propriedades e legitimação da aquisição de terras no Brasil, que até então estavam nas mãos de posseiros.

Estes se apossavam das terras e davam início à organização da fazenda, primeiro com a construção da casa grande e depois uma capela para devoção religiosa. Construíam casas no campo para os trabalhadores, cacimbas, cercados, etc, isto é, toda a infraestrutura necessária para agricultura, pecuária, e sustento das famílias dos trabalhadores. E assim gradualmente os povoados cresciam em torno da fazenda e, com o tempo, tornavam-se distritos rurais, que mais tarde podiam se emancipar politicamente ao patamar de cidades.

Desta forma diversas cidades sertanejas, como Santana do Ipanema, Sertânia, Serra Talhada, Pesqueira, Arcoverde, Custódia, e minha cidade natal Carnaíba, foram fundadas por portugueses, ou seus descendentes que, ao chegarem ao Brasil, se aventuraram pelo Sertão à procura de terras para o cultivo e pecuária.

Com a ajuda de um amigo, o Coronel Lucena, que era delegado na região, os pais de Philomena compraram as terras do Serrote da Furna, que embora localizada no semi-árido clima sertanejo, eram muito férteis, de barro ver-

melho, condizente à agricultura. Lá meus ancestrais prosperaram e se tornaram numerosos com o tempo. A irmã de Philomena, Lalá não teve filhos, no entanto Mãezinha casou-se e teve oito filhos de sobrenome Gomes, a saber, Manoel, João Gomes, Nemézio, José Gomes, Maria das Dores, Lica, Rita e Lourdes. Do irmão João Alves nasceram Afranio, Helena, Gildete e Irene, o seu irmão Avelino que, por sua vez, gerou Dedé Justino e Marinho. João Alves e Marinho, além de agricultores, tornaram-se também comerciantes bem sucedidos em Carneiros, sendo proprietários de várias casas no local.

A casa grande da fazenda era bonita e espaçosa e tinha um arejado alpendre, onde a família congregava-se nos finais da tarde para descansar e conversar sobre as notícias do dia. A terra foi dividida em partições entre os membros da família, de forma que cada um deles tinha pequenos sítios, onde praticavam a agricultura de subsistência, cultivando principalmente milho, algodão e feijão para alimentar a família, mas também para comercialização em pequena escala. Para isso tinham pequenos armazéns, onde estocavam os cereais para serem vendidos em localidades vizinhas, como Catende, Santana do Ipanema e Olho d'Água das Flores.

Extremamente católicos, os Oliveira construíram uma igreja, a qual sobrevive até o presente dia. Como acontecia em outras pequenas localidades e cidades interioranas, a igreja não só desempenhava seu papel religioso mas também um papel social, sendo ponto de encontro de toda a comunidade. No altar da igreja colocaram uma imagem de São Pedro, a qual cuidadosamente trouxeram de Portugal e que com eles viajaram, protegendo-os durante a longa travessia até o Brasil. Na igreja de São Pedro celebravam missas, festas religiosas e todos os sacramentos católicos, e era costume que as famílias mais abastadas sentassem

em lugares privilegiados, reservados na fileira de frente da igreja. Lá aconteciam os casamentos e batizados de todos os membros da família.

Meus antepassados eram portanto devotos fervorosos de São Pedro, e todos os anos, no dia dele, comemoravam a data com muitas festividades, guloseimas, novena e leilão na localidade. Desde então, tornou-se uma tradição no Serrote da Furna comemorar-se anualmente o dia de São Pedro, tornando-o, desta forma, uma referência na região. Muitos anos mais tarde, o primo Mário Tenório comprou terras no Serrote, ocasião em que se empenhou em cuidar e ampliar a igreja, além de cuidadosamente restaurar a imagem de São Pedro na capital Maceió, trazendo-a de volta ao seu lugar de honra no Serrote da Furna.

As festas religiosas católicas sempre ocuparam, ao longo dos séculos, um lugar de grande destaque do calendário religioso e cultural das pequenas cidades interioranas, uma herança dos nossos colonizadores portugueses. No mês de maio, todas as noites aconteciam as novenas no Serrote da Furna, à semelhança de outras localidades. Durante este mês, também chamado mês mariano, em homenagem a Maria, era tradição que as famílias da região organizassem as celebrações de cada noite. A família Oliveira patrocinava três dias de novena, quando toda a família ia a missa e rezava o terço diariamente.

A família Oliveira tinha um bom nível de educação, o qual certamente foi adquirido em sua terra natal, uma vez que nos povoados rurais do Sertão nordestino do final do século IX, as escolas formais eram inexistentes e a grande maioria da população era analfabeta. Para o padrão da época, minha bisavó Philomena, tinha um bom preparo escolar, escrevia bem e tinha uma linda caligrafia, como mostra fragmentos do seu diário que sobreviveram. Sua irmã mais velha, Mãezinha, era professora, ensinando as

crianças da região a ler e escrever, uma missão nobre, de grande necessidade para aquele povo carente, e que desta forma a reconhecia. Na ausência de escolas, as aulas aconteciam na casa da Mãezinha, onde as crianças recebiam os ensinamentos, que se limitavam à alfabetização e às operações fundamentais. Na época existiam as cartilhas do ABC e os livros 1, 2, 3, ao final dos quais, considerava-se concluído o período de educação fundamental.

Nas terras da minha tia avó Aurora e seu marido Manoel, havia uma casa de farinha, símbolo de prosperidade para os agricultores que a possuíam, e muito popular na comunidade. Quando ocorria a farinhada, toda a família Oliveira, outras pessoas da comunidade, famílias inteiras, pai, mãe e filhos, adultos e crianças, todos participavam do processo de fabricação da farinha, que podia durar semanas. Chegavam todos logo cedinho para começar o dia; cada um tinha a sua função específica no longo processo. Eram tarefas árduas, porém prazerosas para todos, que desempenhavam com alegria e muita animação, cantando, recitando versos e tagarelado entre si enquanto realizavam suas tarefas.

Como conta o Padre Frederico Maciel, em seu livro *Carnalba – A Pérola do Pajeú*, o processo de fabricação da farinha a partir da mandioca consistia das seguintes etapas: raspar, ralar, prensar, peneirar e enfiar. Para raspar a mandioca, as “rapadeiras” sentadas no chão ou em um banquinho, munidas de amoladas facas iam rapando as raízes com força e movimentos precisos. Em seguida a mandioca era triturada na bolandeira, equipamento rústico, consistindo de uma roda sobre um eixo vertical que impulsionava o ralador de mandioca.

Depois, a massa era levada para a prensa para eliminar um líquido leitoso, conhecido como “manipueira,” composto de ácido cianídrico, e era letal, caso fosse consumi-

do. Os bolos de massa crua, resultante da prensagem, eram então manualmente esmigalhados, peneirados e levados ao forno para serem torrados. Trabalho espinhoso para quem tivesse esta incumbência, uma vez que ficavam em contato com as altas temperaturas da fornalha, mexendo continuamente a massa crua, o que exigia muita atenção para que farinha não queimasse.

A massa da mandioca, quando estava sendo torrada, liberava um aroma delicioso no ar, que permeava a casa de farinha, reminiscência de infância da prima Helena. Ainda quente, a farinha era acondicionada em grandes sacos para o consumo. Parte do produto, destinado ao consumo da própria família, era guardado em casa em um imenso baú de farinha, que podia estocar 212 cuias de farinha/ 1 cuia= 10 litros. Outra parte da farinha servia como pagamento para as pessoas que trabalharam no processo de fabricação, e o restante era vendida nas feiras de municípios vizinhos, como Palmeira dos Índios, Olho d'Água das Flores e Santana do Ipanema.

Ao final, o fastidioso trabalho era compensado com muita alegria, festividades e camaradagem, música, cantorias, piadas e risadas. As mulheres da família faziam muita comida gostosa para alimentar todos que trabalharam na fabricação da farinha, uma média de 30 pessoas. Juntos degustavam pratos típicos deliciosos: sarapatel, galinhada, peru assado, carne de bode, buchada cozida na panela de barro. Havia ainda beiju de coco, um tipo de bolo feito com a massa da mandioca, delicioso quando consumido com uma boa caneca de café quente, muito apreciado por todos. Uma verdadeira festa!

Como acontecia comumente em festas de localidades rurais, repentistas eram convidados para animar o final da farinhada no Serrote da Furna. Os repentistas são poetas populares reconhecidos por sua habilidade em compor re-

pentes, ou seja versos improvisados, que são cantados ao som da viola, um estilo característico da região nordeste do Brasil, e praticado especialmente pelos habitantes do Sertão. Os versos são inspirados nos mais variados temas, escolhidos de acordo com a ocasião ou festividade, cantados frequentemente por dois cantores que se alternam numa espécie de desafio.

Na festa da farinhada no Serrote da Furna, Lindinalva se lembra de duas duplas de repentistas que se apresentaram na ocasião: Bate Escura & João Pedrosa, e Toninho & Asa Branca. Eles cantaram versos como estes em homenagem aos anfitriões da festa, minha tia avó Aurora e seu marido Manoel.

- Cantou o primeiro repentista:

"Dona Aurora é prata fina/
Seu Manoelzinho é ouro em pó/
Vou elogiar os filhos que eles têm/
Também a capital de Maceió"

- Respondeu o segundo repentista:

"Dona Aurora é uma rosa formosa/
Foi tirada do jardim/
Eu vou louvar os filhos que eles têm/
Também viva o ilustrado Manoelzinho"

As farinhadas eram muito populares, apreciadas por toda a família, uma excelente oportunidade para confraternização da comunidade, tornando-se parte integrante da cultura das cidades sertanejas. O compositor sertanejo, filho ilustre de Carnaíba, Zé Dantas, eternizou a farinhada em uma de suas canções de grande sucesso "Farinhada (Peneirando)" gravada pelo famoso Luiz Gonzaga, inspira-

da em reminiscências da sua participação na farinhada. E assim diz parte da letra:

“Tava na penêra/ Eu tava penerando
Eu tava no namoro/ Eu tava namorando
Na farinhada/ Lá na Serra do Teixeira
Namorei uma cabôca/ Nunca vi tão feiticeira
A meninada descascava a macaxeira
Zé Migué no caititú/E eu e ela na penêra”

Os nordestinos, em particular os sertanejos, são conhecidos por seu profundo espírito poético, expresso não somente nos versos dos repentistas, mas também na literatura dos conhecidos folhetos de cordel. A literatura de cordel surgiu na primeira metade do século XIX em Pernambuco e na Bahia, trazida pelos imigrantes portugueses. Pode ser definida como um tipo de poesia popular, impressa em folhetos, e seu nome deriva do fato de esses folhetos serem normalmente exibidos para venda pendurados nas feiras livres em finos cordões ou cordéis. Expressam uma poesia simples, mas que toca fundo no coração, como este trecho do cordel *Suspiros de um Sertanejo*, de Leandro Gomes de Barros.

“Minha alma triste suspira
em deslumbrante desejo
Ausente da minha terra
Há tempos que não a vejo
São suspiros arrancados
do peito de um sertanejo”

E assim o tempo passava muito rápido para a família Oliveira, cada um deles imerso em sua labuta cotidiana, cuidando dos seus filhos e do pedaço de terra que

lhes cabia no Serrote da Furna. A menina Philomena havia se transformado numa bela mulher - alta, esguia com seus longos cabelos lisos e olhos azuis que iluminavam seu rosto e atraíam aqueles à sua volta.

Contava então Philomena com mais de 20 anos de idade e por conseguinte, a pressão da família para que encontrasse um bom marido aumentava dia a dia. Afinal para os padrões da época, esperava-se que ela, como as moças casadoiras do século XIX, estivesse pronta para contrair matrimônio, o que normalmente ocorria por volta dos 14-15 anos de idade.

Durante o século XIX, era comum que as moças se mantivessem castas sob o olhar atento dos pais até o momento de serem entregues, ainda adolescentes, às mãos do marido. Certamente não havia liberdade de escolher de acordo com o coração, mas principalmente era a família quem escolhia aquele que seria o candidato mais “adequado.” A virgindade era extremamente importante, refletindo os ditames da igreja católica e o culto à Virgem Santíssima. “Perder a honra” era uma falta seríssima, mesmo porque diminuía as chances de conseguir um “bom” casamento, já que seu dote dependia da “fama” da moça e seus atributos domésticos.

O casamento era visto como um negócio, e à época certa, toda família se empenhava em descobrir um candidato aceitável, de bom caráter e boas finanças para desposar suas filhas. Sem fugir à regra, o irmão de Philomena, João Alves, sentiu-se no papel de arranjar um casório para sua irmã. Certo dia chegou em casa e aproximando-se dela disse: “Philomena, tenho um amigo que tem interesse em lhe conhecer...amanhã ele vem lhe visitar...”

Embora apreensiva, Philomena ficou muito curiosa em conhecer este amigo do irmão. Naquela noite, o sono demorou a chegar, sua mente fervilhava, povoada de indagações e conjecturas: Como seria ele? Alto, magro, ou talvez

nem tanto... moreno de cabelos pretos? Seria bonito, gentil e bem educado? E assim continuavam as perguntas a mar- telarem sua mente, até que, exausta, adormeceu. Acordou cedo no dia seguinte e imediatamente cuidou de se arru- mar; escolheu o seu melhor vestido, sapatos e, olhando- se no espelho, cuidadosamente penteou os longos cabelos. Pronto, agora só lhe restava esperar pelo visitante...

2

UM CORONEL ENTRA EM CENA

(1907-1908)



“Um dia faz declaração a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite. Sem linguagem, sem fala, ouvem-se as suas vozes, Em toda extensão da terra, e as suas palavras até ao fim do mundo.”

Salmo 19:2-4

O dia sempre começa cedo na Fazenda Sabiá. O coronel João Tenório de Mascarenhas, senhor das terras do Sabiá, acordou ainda mais cedo naquela manhã, trocou de roupas e, como de costume, deixou o seu quarto e se dirigiu até a varanda no andar superior da casa-grande, de onde gostava de desfrutar a beleza das suas terras e respirar o ar fresco e puro das primeiras horas da manhã.

Do alto da varanda, ele tinha uma posição estratégica que lhe permitia ter uma visão panorâmica das suas extensas plantações de café, a perder de vista. De lá podia também fiscalizar os seus trabalhadores, administradores e feitores, e os então escravos que já começavam sua labuta na lavoura aos primeiros raios de sol. Era época da colheita do café, e suas plantas já exibiam frutos maduros - as cerejas, com seu vermelho vibrante, que contrastavam com o verde intenso das folhagens, num espetáculo de cores deliciosos aos olhos do expectador.

Da cozinha, ouvia-se o vozerio das escravas, que moravam em um quarto na parte térrea da casa grande, correndo de um lado para outro nervosamente, concentradas na importante tarefa de preparar o café da manhã para o coronel. Mesmo nestas primeiras horas da manhã, a cozinha já estava quente, algumas gotas de suor afloravam nas testas das cozinheiras, por cozinhareem tão próximas ao fogão de lenha. Além disso, para servirem um café fresquinho, precisavam pisar o café no pilão, uma tarefa árdua que exigia muita ener-

gia e músculos fortes. Depois de servir o café do patrão, as cozinheiras cuidavam de preparar comida para os escravos da senzala, pois precisavam ser alimentados antes de começar o trabalho na lavoura. Para tal, usavam imensos caldeirões de ferro ou de bronze, que chegavam a pesar 15kg.

A fazenda Sabiá localiza-se no distrito de Caldeirões dos Guedes, há 15km da cidade de Bom Conselho, Estado de Pernambuco. O nome Caldeirões deriva da existência de escavações naturais de pedras, chamados “caldeirões,” presentes na região do riacho Calumbí. Consideram-se, como fundadores do distrito de Caldeirões, as famílias Guedes e Tenório, que lá chegaram em meados do século XIX, época em que surgiram os capitães e os coronéis, como também o trabalho escravo nos canaviais, engenhos de açúcar e plantações de café.

Conta os historiadores que a família Tenório, oriunda da Espanha, inicialmente fixou residência no município de Quebrangulo, Estado de Alagoas, e de lá migrou para Pernambuco, ocupando o sítio Calumbí, na localidade de Caldeirões. Tornou-se uma família muito numerosa e influente; seus descendentes permanecem na região até os dias atuais. São agropecuaristas, empresários, comerciantes, professores, entre outras profissões. É interessante notar que um dos descendentes do Capitão Duda Tenório, o maestro José Duarte Tenório “Pulaca,” é o autor do hino de Bom Conselho.

João Tenório de Mascarenhas, obteve inicialmente a patente de Tenente (mais tarde promovido para Coronel) da 8ª Companhia, do 62º Batalhão, da Infantaria da Guarda Nacional, da comarca de Bom Conselho, “aos dezanove dias do mês de junho do ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e oitenta e oito,” como consta no documento da carta patente emitida pelo Palácio da Presidência de Pernambuco. Ao fazer parte da Guarda Nacional, João Tenório tornava-se assim representante das forças armadas do exército brasileiro. Este documento, exibindo o lindo

brasão do Brasil Império, é uma relíquia histórica, e representa um registro importante da época do coronelismo no Brasil.

O coronelismo surgiu com a instituição da Guarda Nacional, criada em 1831, com o objetivo de suprir o baixo contingente das tropas do exército daquela época. Cargos de confiança foram então oferecidos aos grandes proprietários de terra leais ao governo central, e aqueles que tinham poder econômico e liderança na região podiam comprar patentes de Capitão, Coronel ou Major. Os coronéis também exerciam um papel social fundamental, tornando-se líderes da sociedade local, padrinhos e defensores do povo. Após a proclamação da república em 1889, as patentes foram canceladas, mas o conceito do coronelismo perdurou por muitos anos e todo chefe político local passou a ser chamado coronel pelo sertanejo.

João Tenório chamou seu administrador para dar as ordens do dia, pois tinha uma longa viagem a fazer e ficaria fora por alguns dias. Ordenou ao capataz que selasse o seu melhor cavalo para a viagem, pois tinha muita estrada pela frente, e levaria mais de 27 léguas para chegar ao sítio Serrote da Furna, precisando para isso atravessar o Estado de Pernambuco para chegar até Alagoas.

Logo partiu. Montado em seu cavalo, exibia um perfil alto, esguio e uma postura imponente, própria daqueles acostumados ao comando. Seus olhos eram escuros e vivazes, tinha os cabelos negros e a pele curtida pelo sol. Vestia-se bem, e naquela ocasião tinha escolhido o seu melhor paletó, afinal teria um encontro muito importante, pois iria conhecer aquela que poderia se tornar a sua esposa. Estava envelhecendo, já contava com 45 anos e, desde que ficou viúvo, não tinha conhecido ninguém que preenchesse os requisitos de uma boa companheira.

Foi assim que, em conversa com o seu amigo João Alves de Oliveira, comentou sobre suas intenções de contrair novo

matrimônio, e ao perguntar se o amigo conhecia alguém que tivesse os predicados ideais de uma boa esposa, João Alves prontamente respondeu que tinha uma irmã, a qual ele poderia ter interesse em conhecer. João Tenório acolheu a ideia do encontro com grande entusiasmo e imediatamente combinaram uma visita ao Serrote da Furna, a fim de conhecer Philomena.

Seguiu seu rumo com os primeiros raios de sol, pois intencionava chegar à cidade de Santana do Ipanema no final da tarde. Após muitas horas cavalcando, o sol estorricante já estava alto no céu, João Tenório sentia-se cansado, e embora ansioso para prosseguir a viagem, precisavam de uma trégua, tanto ele como seu animal, para descansarem e se alimentarem. Encontrou uma pousada num pequeno vilarejo, e depois de uma curta parada de descanso, seguiu caminho, chegando a Santana do Ipanema antes do anoitecer. Lá encontrou o amigo João Alves, e como haviam combinado, pernoitou em sua casa. Na manhã seguinte, partiram para o Serrote da Furna, que ficava não muito longe dali.

E assim aconteceu o encontro. Ao ver Philomena, João Tenório foi imediatamente atraído por aqueles lindos olhos azuis brilhantes, que denotavam inteligência e uma personalidade forte e determinada. Depois desta impressão inicial, descobriu que, aliada à sua beleza, era letrada e prendada, trazendo consigo dotes domésticos, pois costurava e era exímia cozinheira. Enfim, uma esposa ideal. Philomena por sua vez, também parecia corresponder ao seu sentimento. À primeira vista, ela o achou bem afeiçoado, e embora não fosse de muita conversa, se expressava bem e tinha uma voz forte e bonita. Era simpático e tinha boas maneiras.

Philomena notou que o pretendente era mais velho do que ela nascido em 1857, tinha 45 anos, pouco mais que o dobro da sua idade. Nascida em 1880, contava com 22 anos, porém isso não representava nenhum empecilho para ela. A família

de Philomena, por sua vez, unanimemente aprovou o enlace matrimonial, e logo marcaram o dia do casamento. Como escreveu em seu diário, o seu casamento aconteceu numa quarta-feira, do dia 5 de fevereiro de 1902. Após o casamento, o Coronel João Tenório levou sua nova esposa para morar na Fazenda Sabiá. Carregaram vários burros, além de um carro de bois com os pertences de Philomena, e seguiram viagem.

Ao se deparar com as terras do Sabiá, Philomena ficou perplexa diante da imensidão verde e extraordinária beleza da fazenda. Minha bisavó não tinha imaginado que o seu marido era um homem tão abastado e poderoso. Ao notar a expressão de surpresa no rosto de Philomena, ele comentou o quanto gostava das suas terras, que considerava um oásis naquele sertão, pois tinham água em abundância e eram muito férteis, exclamando "Não dou o meu Sabiá pelo resto de Pernambuco."

A Fazenda Sabiá tinha uma légua e meia de extensão, ou seja por volta de 10km² de terras. À época, a principal atividade agrícola era a lavoura do café. Consta que meu bisavô figurava dentre os maiores produtores de café na região, o que gerava uma grande demanda de mão de obra, e para tanto possuía em torno de 250 escravos, ativamente trabalhando nos cafezais. João Tenório era também prolífero comerciante em Bom Conselho, possuindo diversas casas comerciais e lojas de tecidos.

Caminharam em direção à casa-grande da fazenda, atravessando a primeira cancela que dava acesso à residência. Mesmo a uma longa distância, Philomena já podia avistar a casa, reinando soberanamente na posição mais elevada do terreno. Um elegante sobrado de arquitetura colonial, com dois pavimentos, dominava a paisagem à sua volta. Suas paredes pintadas de rosa, janelas brancas e sua ampla varanda se destacavam a distância. João Tenório havia construído esta casa por volta de 1880, quando ele tinha apenas 23 anos.

Sabe-se que, durante o período colonial, as casas construídas no Brasil sofriam forte influência das tendências europeias que, adaptando-se aos materiais e à situação econômica local, deram origem às chamadas casas em estilo colonial. Estas apresentam diversas influências arquitetônicas, tais como renascentistas, barrocas ou neoclássicas, ou uma combinação desses estilos. No Brasil colonial, a casa grande da fazenda era estrategicamente construída próxima às plantações, às senzalas, às capelas e a outras construções de importância para a vida econômica da comunidade rural, como as casas de farinha, engenhos e cafezais. Tudo girava em torno da casa-grande.

Ao atravessar a primeira porteira, subiram uma ladeira, levando por volta de cinco minutos até chegarem a uma segunda porteira de madeira. Sendo amante das flores, Philomena ficou deslumbrada ao observar que essa porteira era ladeada por duas pilastras e uma cobertura de madeira em forma de arco, onde se ancorava uma frondosa primavera, também conhecida como bougainville (*Bougainvillea spectabilis*), a qual espalhava a sua floração exuberante, cobrindo o arco como um lindo diadema de flores vermelhas brilhantes. O terreiro à frente da casa também era muito bem cuidado e estocado com uma variedade de arbustos, bananeiras e flores multicoloridas.

Subiram os vários degraus que davam acesso ao espaço do alpendre, o qual, suspenso por cinco pilastras, circundava todo o pavimento térreo da casa. Havia também uma baixa grade de madeira branca em volta do alpendre. A porta principal, dava acesso ao salão de visitas da casa, muito bem decorado com móveis coloniais de madeira escura lindamente esculpados. Philomena notou que o teto da sala era estucado com gesso, uma novidade para ela, pois era somente encontrado em casas mais abastadas. Pendurado no teto havia um belo lustre. O piso da sala era de madeira maciça, como tam-

bém a bela escada de três lances que dava acesso ao segundo pavimento da casa, onde ficavam os quartos de dormir.

Instalada em sua nova moradia, minha bisavó iniciou sua nova vida de casada. Inteligente, prática e metódica, não teve dificuldade em se adaptar à sua nova rotina. Afinal tinha nascido e crescido no ambiente rural e estava acostumada ao cotidiano dos fazendeiros, embora a fazenda Sabiá fosse bem maior do que o seu sítio no Serrote da Furna. No seu dia a dia, não somente supervisionava o trabalho dos serviçais, mas também participava ativamente na execução das tarefas domésticas; cozinava, costurava e cuidava do jardim, mantendo tudo em condições impecáveis. A rotina diária da casa era metodicamente planejada, uma condição *sine qua non*, para o bom andamento das atividades de uma fazenda de grande porte como a Sabiá. Desta forma, tudo funcionava satisfatoriamente, sem nenhum percalço, e para isso contava com a ajuda dos dedicados e leais trabalhadores da fazenda.

À época do seu casamento com o meu bisavô, em 1902, os escravos já tinham sido libertos com a promulgação da Lei Áurea sancionada pela Princesa Dona Isabel, no dia 13 de maio de 1888. Dizia o texto da lei:

“A Princesa Imperial Regente, em nome de Sua Majestade o Imperador, o Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súditos do Império que a Assembléia Geral decretou e ela sancionou a lei seguinte:

Art. 1º: É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil.

Art. 2º: Revogam-se as disposições em contrário.”

Para minha bisavó Philomena, isto foi motivo de grande alegria, uma vez que ela sempre fora defensora dos ideais abolicionistas. Sendo católica fervorosa, pregava e seguia piamente os princípios cristãos que todos são iguais aos olhos de Deus. Após a abolição da escravatura, enquanto alguns ex-escravos partiram para a cidade, a grande maioria decidiu

continuar a viver e trabalhar na fazenda Sabiá, passando a ser assalariados.

Além de se dedicar às atividades na fazenda, Philomena também auxiliava o marido no gerenciamento das suas lojas de comércio, situadas no atual município de Bom Conselho. Extratos do seu diário mostram o nível de organização e inteligência da minha bisavó, registrando detalhes da contratação de funcionários e catalogando diligentemente as despesas da casa. Tudo ficava sob o seu controle, uma prova de confiança e amor do seu marido, uma atitude inusitada aos maridos daquela época.

Como era de se esperar dos coronéis da época, meu bisavô era um homem influente na região, tanto nas atividades sociais, como nas políticas, participando ativamente no movimento de emancipação de Bom Conselho. No dia 3 de agosto de 1892, Bom Conselho tornou-se um município autônomo, e dentre os participantes do primeiro Conselho Municipal, estava João Tenório Mascarenhas.

Nesta época, somente homens abastados, possuidores de latifúndios tinham o direito ao voto. Temos o título de eleitor do nosso bisavô, obtido aos 45 anos, como consta no documento numero 13357, emitido no ano de 1905, pela então República dos Estados Unidos do Brasil. Tal como a patente de tenente, o título de eleitor de João Tenório, são documentos históricos importantes, cuidadosamente guardados pelo nosso primo Mario Tenório.

A vida continuava pacata na Fazenda Sabiá. Anotando metodicamente em seu diário, Philomena registrava as datas, dia e hora de nascimento de todos os seus filhos. Escreveu ela que, no dia 5 de julho de 1903, um domingo, às 5 horas da manhã, nasceu sua primeira filha, chamada Aurora, a qual por uma grande desventura, faleceu aos dez meses de idade. No entanto, no ano seguinte, Philomena registrou que deu à luz, em 7 de julho de 1904, numa quinta-feira, às 9 horas, uma segunda

menina, forte e saudável, a quem também chamou Aurora. A família continuava a crescer a cada ano; no dia 1º de agosto de 1905, nascia o menino Euclides e em 1906, do dia 28 de setembro, nascia outro menino, a quem chamaram Benjamin.

Do seu primeiro casamento, João Tenório só teve uma filha, chamada Francisca Tenório de Mascarenhas, minha tia avó, em homenagem ao seu pai Francisco. Ao ficar viúvo, João Tenório, sentindo que não podia cuidar bem de uma criança pequena, enviou Francisca para o convento-escola de Bom Conselho, onde as freiras poderiam cuidar bem dela, além de lhe oferecer uma excelente educação.

Após o seu casamento com Philomena, ele a trouxe de volta para a Fazenda Sabiá, mas Francisca não mais se habituou à vida na fazenda, resolvendo voltar para o convento. Lá decidiu tornar-se freira, fazendo os votos para a Congregação das Irmãs Franciscanas, passando a chamar-se Irmã Francisca. Seu hábito religioso era longo e preto, e usava o cornette, um tipo de véu para a cobertura da cabeça. Usava também uma aliança que significava seu casamento com Cristo.

João Tenório era rígido, mas também amoroso com a família, chamando carinhosamente sua esposa Philomena de Filó. Aurora, sua filha mais velha, adorava passear pela fazenda com o pai e lembrava quando ele cortava canudinhos de uma planta, para que ela pudesse sugar o mel dos favos de abelha da fazenda. Por chamar-se João, todos os anos festejava o dia de São João, ocasião em que organizava uma grande festa na fazenda, com gigantescas fogueiras e muitas comidas típicas: canjica, pamonha, pé de moleque e milho assado na fogueira. Convidava todos os amigos da região, e como contava Philomena, à meia-noite saía para participar da festa dos trabalhadores. "Quem sustenta a minha gravata são os meus empregados," dizia ele, em reconhecimento e apreço pelo seus funcionários.

No dia 20 de Janeiro de 1908, Philomena deu à luz uma menina, a quem chamaram Maria de Lourdes, que muitos anos depois, tornar-se-ia minha avó. À época do seu nascimento, havia uma devastadora epidemia de Cólera na região, a qual se alastrou rapidamente, devido ao pouco entendimento sobre a natureza da doença. Hoje sabemos que a cólera originou-se na Ásia, espalhando-se pelo mundo, chegando ao Brasil no ano de 1885. É uma doença infecciosa que pode ser adquirida por meio do consumo de água e alimentos contaminados pela bactéria *Vibrio cholerae*.

Uma vez contaminada, a pessoa apresenta intensa diarreia e vômito, que podem causar severa desidratação e terminar levando a óbito.

À época da pandemia, um amigo de João Tenório faleceu acometido pela doença. Dias após ter ido ao enterro desse amigo, começou a sentir-se mal. A cada dia parecia mais enfraquecido, pálido e debilitado, vomitava bastante e apresentava uma severa diarreia. Pressentindo sua morte, ele comentou com Philomena. "Filó, este ano acho que vou dar uma morridela."

Na semana seguinte, falecia aos 51 anos, João Tenório de Mascarenhas, mais uma vítima da cólera. Registrou Philomena em seu diário. "Morreu meu sempre lembrado marido João Tenório, no dia 20 de Abril às 11 horas da noite, dia de segunda-feira, do ano de 1908."

Assim ficou minha bisavó viúva, após um casamento que durou apenas seis anos. Sozinha e desolada, Philomena chorava incessantemente, não sabendo o que fazer com quatro filhos pequenos para criar: Aurora com quatro, Euclides com três, Benjamin com dois anos, e minha avó Maria de Lourdes, contando apenas com três meses de idade! Olhava para as quatro cantos das paredes da casa e não tinha a quem recorrer, apenas o consolo da sua fé e suas orações a Deus, pedindo forças para continuar lutando, pois precisava criar os filhos e

também tinha a fazenda, os trabalhadores, além das lojas de comércio para gerenciar. Como iria conseguir fazer tudo isto?

Mal sabia Philomena, que mais um novo grande obstáculo surgiria, nuvens escuras pesadas, plúmbeas, se acumulavam no horizonte da fazenda Sabiá, um prenúncio que uma grande tempestade estava a caminho. Após a morte de João Tenório, um primo seu, o também Coronel Paulo Jacinto Tenório, alegando que o nosso bisavô lhe devia dinheiro de um empréstimo que lhe havia concedido, tomou posse das terras do Sabiá. Influente e poderoso, Paulo Jacinto tinha muitas terras em Quebrangulo, município vizinho de Bom Conselho.

Antes disso acontecer, houve muito conflito, lutas corporais, e troca de tiros entre os capangas do Coronel Paulo Jacinto e os ex-escravos e trabalhadores da Fazenda Sabiá, defendendo as terras em que trabalhavam. Era comum, naquela época, que os coronéis tivessem os seus capangas para sua segurança pessoal e a de suas terras. Muitas vezes estes capangas consistiam de ex-convictos ou assassinos que procuravam guarida com o coronel. Houve registros de mortes na disputa das terras do Sabiá, ocorrência frequente nas fazendas do interior nordestino daquela época.

Philomena, extremamente assustada e sem a proteção do marido ou da família, não suportou a pressão e decidiu voltar para o Sertão para juntar-se à sua família no Serrote da Furna. Às pressas, carregou cinco animais de carga com os seus pertences mais íntimos, alguns objetos pessoais do marido, como suas espadas de ouro, algumas joias, tecidos, enfim aquilo que poderia amealhar naquelas circunstâncias, ou seja itens pequenos que podiam ser acondicionados na carga dos burros e carro de bois. Alguns leais serviçais também a acompanharam, e logo partiram para a longa viagem de volta ao Serrote da Furna...

SUPERANDO AS ADVERSIDADES



"Esperei com paciência no Senhor, e ele se inclinou para mim, e ouviu o meu clamor. Tirou-me dum lago horrível, dum charco de lodo, pôs os meus pés sobre uma rocha, firmou os meus passos."

Salmo 40:1-2

Philomena bateu à porta dos pais, e ao vê-los, não se contendo, chorou copiosamente. Estava ali, de volta à casa dos pais, carregando um bebê de três meses nos braços, e três outros filhos com menos de quatro anos para criar. Encontrava-se em total desespero; não fora suficiente sofrer a dor da perda do seu marido, mas agora também sofria o estigma de ser viúva, ou seja, sem o apoio financeiro e social de um homem, requisitos essenciais a todas as mulheres daquela época. A perda tinha sido total, sem rumo e sem norte, sem ter herdado as finanças necessárias para criar seus quatro filhos.

Viveu os momentos mais difíceis da sua vida; permaneceu prostrada numa rede, paralisada pela amargura, sem forças para lutar, até que a sua fé e suas orações socorram-na. Deus lhe estendeu a mão, levantou-se e partiu para a batalha, pois tinha um motivo maior para seguir em frente: criar os seus filhos. Era exímia costureira e rendeira, e com isto ganharia o seu pão de cada dia, o qual dividiria com os seus filhos.

Philomena passou a trabalhar arduamente para entregar as encomendas dos fregueses no Serrote da Furna e distritos vizinhos. As encomendas eram as mais variadas: camisas, vestidos, e até mesmo os trabalhos mais difíceis, como os paletós masculinos. Tinha uma jornada tripla, como muitas das mulheres no sertão pois, além do trabalho de costureira, havia as tarefas domésticas, o cuidado dos filhos e dos afazeres do sítio.

Após dois anos de viuvez, Philomena ainda jovem, com apenas 30 anos, sentindo o peso enorme de criar os filhos sozinha, encontrou um novo companheiro dentre os seus parentes que viviam no Serrote da Furna. Abílio Correia de Oliveira Lima era o seu nome, e o casamento foi realizado no dia 7 de abril de 1910, com a benção de toda a família Oliveira.

Poucos anos depois, o marido Abílio, frustrado com as escassas possibilidades oferecidas no Serrote da Furna, resolveu partir para o Amazonas à procura de emprego e de uma melhor renda para sustentar a família. Philomena ficaria no sítio cuidando das crianças e ele mandaria notícias e dinheiro. Viviam o ano de 1915 e Philomena, embora grávida, pacientemente concordou com o seu marido.

Depois de muito esperar, recebeu a triste notícia do falecimento de Abílio, após ter contraído malária no Amazonas. Mais uma vez, o infortúnio bateu à sua porta, e agora, com mais um filho para criar, encontrava-se viúva pela segunda vez! O casamento havia durado apenas seis anos. Assim registrou Philomena em seu diário, onde anotava todas as datas importantes na sua vida.

"Cazeime a segunda vez, Philomena Maria di Oliveira com Abilio Correia Lima no dia 7 de Abril do anno di 1910. Morreu no mez de Setembro do ano di 1916." (sic)

A luta de Philomena continuava, desta vez com a adição de um quinto filho, José Abílio de Oliveira Lima, nascido no ano de 1915, o qual juntou-se aos seus outros filhos: Aurora Tenório de Oliveira, Euclides Tenório Cavalcante, Benjamin Tenório Cavalcante e Maria de Lourdes Tenório de Oliveira. Embora vivendo uma vida simples, sem luxo e sem dinheiro, os seus cinco filhos tiveram uma infância feliz, desfrutando do ar fresco e de uma alimentação saudável no sítio Serrote da Furna. Um lugar muito bonito, de relevo alto, terras férteis, arborizadas e lindas paisagens.

Lá acordavam cedo; por volta das 5 horas estavam todos de pé, e a meninada corria para cozinha saborear um delicioso e variado café da manhã. O milho que dormia de molho, era passado no moinho para fazer o cuscuz fresquinho, que todos comiam misturado ao leite quentinho, temperado com uma pitada de sal. Também podia ser servido o jerimum cozido com leite, ou uma coalhada fresquinha. E vinha o café, que era torrado com rapadura, pisado no pilão e, ao ser coado, espalhava o seu aroma inconfundível no ar, enchendo a cozinha, invadindo as narinas, enviando o sinal definitivo que era hora de acordar e abrir os olhos, pois o dia estava começando. Para os adultos que iam trabalhar na roça, servia-se também carne com farinha, alimentação adequada para dar sustância e resistência para o trabalho árduo.

O dia começava com muitas tarefas a serem executadas, nas quais todos participavam, mas assim o faziam com alegria, misturando trabalho e brincadeira. Alimentavam os animais: vacas, cabras, muitas galinhas e perus. Duas vacas foram devidamente batizadas: uma chamava-se "Boa Noite", em referência à sua cor preta, e a outra "Bom Dia", certamente de cor mais clara. Imitavam o canto das galinhas d'angola, e com gaiatice entoavam "tô fraco, tô fraco, tô fraco," e riam muito. Para alimentar a galinhada e os perus, gritavam "ti, ti, ti" jogando o milho, ao que as aves respondiam esfomeadas, correndo animadamente e ruidosamente para o terreiro.

Cresceram os filhos de Philomena juntos, desfrutando do companheirismo dos irmãos e das inúmeras brincadeiras que eles mesmos inventavam. No vasto terreiro em torno da casa, havia inúmeras árvores que, além de produzir as mais variadas frutas como melancia, caju, mamão, mangas e pinhas, proporcionavam sombra e entretenimento para a criançada. Subiam nos galhos mais altos das frondosas

mangueiras, nas quais aqueles mais corajosos subiam para tirar as frutas maduras, ou quase maduras, que guardavam para amadurecer. Davam muitas risadas, mas também brigavam, como acontece com todos os irmãos, mas tudo isto fazia parte da experiência de aprender a viver. Aurora, desde pequena, já exibía uma personalidade forte e um temperamento rebelde e, sendo a mais velha do grupo, liderava muitas das traquinagens que faziam no sítio.

Às escondidas, juntamente com os irmãos, iam até um baú, onde a mãe colocava pinhas verdes para amadurecer, tiravam as que haviam amadurecido e colocavam pinhas verdes em seu lugar. Corriam e se escondiam para saborear as pinhas, acompanhadas de muitas risadas. Euclides, por sua vez mais hesitante, se recusava a comer as pinhas e até chorava de medo.

"Se mãe descobre, ela bate na gente", dizia ele, mas Aurora irredutível o obrigava a comer as pinhas. "Se não comer, eu digo a mãe que foi você que tirou as pinhas." Em outras ocasiões, os peraltas identificavam as galinhas que a mãe separava para chocar os ovos e, às escondidas, iam lá e tiravam os ovos da galinha para comer.

Embora não existissem escolas convencionais na localidade, Philomena cuidava que todos fossem alfabetizados. Para tanto, eram enviados para estudar ali mesmo no Sertão da Furna, na casa da Tia Mãezinha, irmã mais velha de Philomena, a qual basicamente ensinava aos sobrinhos a ler, escrever e as quatro operações fundamentais. Depois de alguns anos, foi construída uma escola rural na região, e os alunos, para lá chegarem, precisavam caminhar uma média de 6 km. Cansativo, mas nem tanto, quando se é jovem e saudável, e se tem a educação como objetivo principal.

No almoço sempre havia feijão, farinha e carne na mesa. O cuscuz fresquinho obtido no sítio. As carnes eram as mais variadas: boi, bode, porco, carneiro e aves, sendo os ani-

mais abatidos no sítio. Em algumas ocasiões Philomena fazia buchada de bode e linguiça para o almoço. Como não existia refrigerador, as carnes eram fritas e colocadas em latas de 20 litros, bem tampadas, usando a gordura do animal como conservante. E assim tinham carne para ser servida quando fosse necessário.

Em ocasiões especiais, como na semana santa, nossa bisavó, extremamente religiosa, seguia as tradições da igreja católica. Um dos mandamentos da igreja é que, na sexta-feira santa, os fiéis devem se abster de comer carne vermelha, e o peixe, um símbolo profundo da fé cristã, tornou-se assim, uma opção para o consumo nestas ocasiões. Philomena, sendo portuguesa, costumava cozinhar um delicioso bacalhau com leite de coco, servido com ovos cozidos e o arroz também preparado ao leite de coco, uma rara ocasião em que o arroz estava presente. Esta tradição culinária acompanha a família até a presente geração, trazendo vívidas memórias da nossa infância.

Nas festas de Natal e Ano novo, toda a família costumava deixar o sítio para as cidades mais próximas: Santana do Ipanema, Carneiros ou Olho d'Água das Flores. Todos, crianças e adultos, se divertiam muito com as festividades, folguedos, quermesses, barraquinhas vendendo comidas típicas e um parque de diversão, que era rústico, mas que oferecia todo o entretenimento e a euforia que a meninada ansiosamente aguardava o ano inteiro. Todas as festividades aconteciam em torno da igreja, onde aconteciam todas as missas e cerimônias religiosas.

O tempo passava rápido e os filhos de Philomena acompanharam o ritmo acelerado do tempo. Aurora, a mais velha, agora com 15 anos, tornou-se uma moça muito bonita e atraente; alta, cabelos longos lisos e negros, pele morena e uma compleição robusta. Sua mãe dizia que, ao contrário da pele branca e olhos azuis dos Oliveira, ela tinha mais a

aparência do pai João Tenório. Seus olhos escuros, vivazes também, eram fortes e expressavam uma intensa energia, próprios daqueles que sabem o que querem. Como aconteceu com Philomena no passado, o clã dos Oliveira decidiu que já era época para Aurora casar.

Partiram então para encontrar um marido adequado ali mesmo dentro das fileiras da família. O primo Manoel, filho da Mãezinha, foi o candidato eleito, e assim decidiram que ele seria um excelente marido para Aurora. Afinal, não podia-se ignorar os predcados altamente auspiciosos dos filhos da Mãezinha. Eram agricultores bem sucedidos, trabalhavam na terra plantando milho, algodão e feijão. Possuíam equipamentos agrícolas mais modernos, como a bolandeira, e uma ampla casa de farinha, exclusivo aos lavradores mais bem sucedidos. Também possuíam carro de bois para o trabalho na lavoura e armazéns para acondicionar cereais, os quais eram negociados nas localidades vizinhas.

Infelizmente Aurora não pensava da mesma forma que a sua família. Com o seu espírito rebelde, gostava da sua liberdade e queria ter o direito de decidir o seu próprio destino. Sua mãe Philomena, por sua vez, não podia aceitar tamanha insubordinação, uma vez que todas as moças prendadas da sua época tinham a obrigação de serem submissas à vontade dos pais e da família. Desta forma, havia constante conflito entre mãe e filha e por isso discutiam muito. Aurora, sem opção, planejou cuidadosamente sua fuga. Estava tudo pronto para fugir no dia seguinte, assim pensou Aurora. Não sabia ela que sua irmã mais nova, Maria de Lourdes, havia informado sua mãe sobre todo o seu plano.

Sabedora de tudo, Philomena prontamente planejou o contra-ataque, contratando capangas para vigiar a casa durante a noite, impedindo assim a saída da filha. Tendo o seu plano fracassado, Aurora não teve alternativa senão ceder à pressão da mãe e da família, finalmente casando com o

primo Manoel. Dias depois do casamento, não suportando viver com um homem que ela não amava, resolveu voltar para casa da mãe. Philomena, por sua vez, ficou irredutível "Sou viúva e não posso de maneira nenhuma ficar com uma filha separada do marido aqui em casa. Volte para casa do seu marido," ordenou Philomena. Com os olhos cheios de lágrimas e muitas mágoas, Aurora resignadamente aceitou o seu destino e voltou para casa do marido.

À primeira vista, a postura de Philomena poderia ser considerada extremamente cruel ao não aceitar o pedido de socorro de sua filha, que simplesmente suplicava pelo direito à felicidade. No entanto, num contexto histórico, Philomena pode ser absolvida pelo fato de que seu comportamento foi, nada mais, nada menos, do que o resultado de uma herança rígida e preconceituosa, a forma como a sociedade interpretava o papel da mulher. Assim tinha sido a sua criação, como tinha sido ensinada a se comportar, e o código moral que deveria seguir: obedecer, primeiro aos seus pais, e depois ao seu marido.

Aurora não podia esquecer que sua mãe havia nascido em 1880, uma imigrante portuguesa, portanto era fruto de uma geração diferente da sua. Sabe-se que a mulher no Brasil colonial vivia uma condição subalterna, herança de uma legislação portuguesa, que regia as práticas sociais daquela época. As mulheres brancas portuguesas raramente saíam de casa e quando saíam precisavam cobrir a cabeça com um véu e tinham as saias compridas até os pés, para que não mostrassem os tornozelos. Contam os historiadores que a mulher que era virtuosa aos olhos da sociedade, só saía para ir à igreja frequentar as missas, participar nas cerimônias de casamentos, ou nos batizados dos filhos, chegando ao extremo de que em algumas regiões do Brasil, as mulheres só frequentavam a missa no final da madrugada para não serem vistas pelos homens.

Aurora contentou-se com a sua nova vida e, junto ao seu marido, se estabeleceram em seu sítio no Serrote da Furna, tornando-se agricultores e comerciantes bem sucedidos na região. A família ficou numerosa e juntos criaram seus sete filhos, os quais geraram numerosos descendentes, todos alcançando futuros promissores. Assim aconteceu com os outros irmãos; todos casaram e cada um seguiu o seu destino, alguns continuaram vivendo localmente, enquanto outros partiram para outras cidades à procura de novas oportunidades.

Euclides tornou-se um homem alto, esguio e muito elegante. Tinha o cabelo louro, pele branca e belos olhos azuis como os da sua mãe. Seu olhar era penetrante, inteligente, conseguiu estudar até a quarta série, o que representava uma importante conquista para aquela época. Era falante e se expressava muito bem, gostava de discursar em público e recitar poesias. Mais tarde deixou o Serrote da Furna e se mudou para a cidade de Catende, no agreste do Estado de Pernambuco.

Lá se estabeleceu, casando-se com Maria do Carmo e, fruto deste feliz enlace, tiveram sete filhos. Conta Carmita que seu pai aderiu à Maçonaria, tornando-se um homem influente em sua cidade. Tinha uma reputação ilibada educando os seus filhos com um alto padrão moral; costumava dizer às suas filhas, "Dize-me com quem andas e te direi quem és".

Da mesma forma que o irmão Euclides, Benjamim também resolveu partir e deixar o Serrote para viver em Maracó, capital de Alagoas. Casou-se com Maria Rosa e juntos tiveram oito filhos. O irmão mais novo, José Abílio, por sua vez, ao casar-se, continuou vivendo no sítio Serrote e da sua união com Maria Anunciada nasceram quatro filhos. José Abílio tornou-se professor na região, inicialmente ensinando na casa de Philomena e mais tarde numa localidade próxima ao Serrote da Furna chamada Baixa do Mel, onde es-

tudou a filha de Aurora, Lindinalva. Após ficar viúvo, José Abílio casou-se mais três vezes, gerando uma numerosa descendência.

Assim, com todos os filhos criados e casados, Philomena podia se dedicar inteiramente à sua fé católica, levando uma vida reclusa, quase monástica. Sua casa tinha um cheiro maravilhoso de rosas e as paredes eram cobertas de santos onde, ajoelhada, rezava todos os dias. Ocupando uma posição de destaque ficava um quadro do Papa Pio X, o 257º Papa, cujo pontificado decorreu de 1903 até 1914, sendo depois canonizado pelo Vaticano.

Muito bondosa, servia a comunidade com o seu dom de rezadeira, com o qual curava os males do corpo e do espírito daqueles que a procuravam. Tinha uma personalidade forte, gostava de contar histórias e era positiva e muito correta, dizendo sempre o que pensava, pois achava que a sinceridade era sempre a melhor conduta.

A vida continuava pacata no sítio Serrote da Furna, embora lá fora, havia muita violência e um clima de desmando nos sertões do nordeste. Viviam o final dos anos vinte; devido à omissão da justiça por parte das autoridades estabelecidas, reinava a impunidade, imperando a lei do mais forte. Os coronéis tiveram um papel ativo no sistema político desta época, atuando como um elo de ligação entre o povo e o governador do Estado.

Desta forma, o governo estadual prestava assistência à população, via as reivindicações do coronel, em nome do seu povo. Este era um aspecto positivo deste sistema político, principalmente devido ao fato do sertão ser uma região remota, distante do poder central. Embora as patentes tivessem sido canceladas após a proclamação da república em 1889, o conceito do coronelismo perdurou por muitos anos e todo chefe político local passou a ser chamado “coronel” pelo sertanejo.

Um aspecto negativo do coronelismo, no entanto, era a eleição dos líderes políticos daquela época, feita pelo voto aberto, um sistema que beneficiava o coronel, o qual se perpetuava no poder, garantindo a sua supremacia política, social e econômica na região. O voto era chamado “voto de cabresto” pelo qual o eleitor recebia favores em troca do seu voto.

Assim o coronel oferecia aos pobres melhoramentos, praticando desta forma o assistencialismo. Os carros pipas que distribuíam a tão preciosa água para o sertanejo eram usados pelos coronéis como um trunfo valioso para arrebatar votos; quem não votasse no candidato certo não teria água para atender as suas necessidades básicas. Dizia o ditado popular entre os sertanejos “que ruim com ele, pior sem ele.”

Relatam os historiadores que esta época foi caracterizada pelas desigualdades sociais e corrupção política, gerando revoltas em diversas partes do país. O sertão nordestino, mais do que qualquer outra região, sofreu o impacto desta realidade; em seu terreno fértil de pobreza e má distribuição de renda proliferaram a impunidade, violência policial e o fanatismo religioso.

Neste cenário político surgiu o cangaço no nordeste. Acontecia que, infelizmente, alguns coronéis inescrupulosos abusavam do poder e, tomando a justiça em suas próprias mãos, ordenavam o assassinato dos seus adversários e confiscavam terras alheias, contando com a omissão das autoridades e de um sistema judicial corrompido. O cangaço oferecia assim a oportunidade de vingança para aqueles que se sentiam injustiçados.

Era comum na região haver atritos entre famílias, devido a questões de posse de terras, e num desses confrontos o pai de Virgulino Ferreira da Silva, conhecido como Lampião, foi assassinado. Para vingar a morte do pai, entre outros motivos, Lampião entrou para o cangaço, tornando-se o bandido mais temido do Sertão, por quase 20 anos. Ele e o

seu bando passaram a atacar fazendas e pequenas cidades, espalhando terror e cometendo os mais hediondos crimes; roubando, torturando, estuprando e destruindo, ateava fogo nas fazendas e exterminava rebanhos de gado.

Era um tempo violento e as famílias sertanejas, principalmente na zona rural, sítios e fazendas, aterrorizadas, procuravam se proteger como podiam, através da obtenção de armas de fogo e a contratação de capangas para defesa da sua família e de suas propriedades. Alguns chegavam a enterrar seus pertences mais valiosos, caso suas propriedades fossem invadidas pelos cangaceiros.

A clã dos Oliveira, em seu sítio no Serrote da Furna, não fugia a esta regra; tinham ouvido falar que Lampião, com o seu bando, andava rondando as regiões vizinhas ao Serrote da Furna. Já havia invadido a zona rural de Santana do Ipanema, matando um cabo, e em seguida assaltado a localidade de Olho d'Água das Flores. Por último o município de Carneiros também foi atacado pelo bando.

Um clima de inquietação e temor pairava no ar no sítio Serrote da Furna, tirando a tranquilidade da vida pacata da família Oliveira. Philomena rezava incessantemente, ajoelhada, pedindo todos os dias a proteção divina para os seus filhos e sua família...

ENFRENTANDO LAMPIÃO



"Porque o Senhor é bom, e eterna a sua misericórdia; e a sua verdade estende-se de geração a geração"

Salmo 100:5

No dia 20 de janeiro de 1926, minha avó Maria de Lourdes, filha mais nova de Philomena, fazia 18 anos. Havia se tornado uma linda moça, alta, esbelta, muito parecida fisicamente com sua mãe. Tinha herdado os traços físicos da família Oliveira: pele branca e olhos de um azul celeste cintilante. Seu olhar penetrante traduzia inteligência e sagacidade e, embora com pouco estudo, aprendia muito rápido, tinha iniciativa e criatividade. Nós, os seus netos, universitários e alguns com PhD, nos curvávamos à sua sabedoria para pedir conselhos e sua bênção, quando precisávamos tomar decisões importantes em momentos cruciais das nossas vidas.

Chegara a sua vez de casar-se, deliberou a família, pois já contando com 18 anos, estava mais do que na hora de contrair o matrimônio. Maria de Lourdes foi afortunada no que tange ao fato de que o candidato eleito era do seu bom grado, na verdade gostava muito dele. Chamava-se João Araújo de Abreu, conhecido como João Lola, e morava na vizinhança. No entanto, sabemos hoje que o casamento não se realizou, devido a um lamentável incidente. Certo dia, João Lola convidou sua noiva, juntamente com sua mãe Philomena, para participar de uma novena em sua casa. Chegando lá no dia combinado, avistaram João Lola deitado em uma rede no alpendre, e sentada ao seu lado, havia uma jovem bonita conversando animadamente com ele.

"Mãe, veja João Lola... está de leiriado com aquela sirigaita! É a Bela, conheço ela muito bem... uma lambisgóia que vive se enxerindo pra todo rapaz que encontra," disse minha

avó em tom exaltado; seus olhos arregalados faiscavam de tanta raiva, a boca seca e o rosto rubro.

"Não minha filha, a moça está somente conversando com ele," ponderou Philomena, tentando apaziguar a situação, pois não queria fazer desfeita para o rapaz que a tinha convidado especialmente para a ocasião.

"Não Mãe, eu conheço bem a peça, está de presepada comigo, se enrabichando pro meu namorado e ele tá gostando... Ele vai ver o que vou fazer, hoje mesmo vou me vingar deste infeliz", insistiu Maria de Lourdes. Para ela, a cena que acabava de presenciar constituía uma prova irrefutável da infidelidade de João Lola e motivo suficientemente forte para acabar com o casamento.

Com seu temperamento forte, intempestivo, começou a traçar o seu plano de vingança naquela mesma noite. Conhecia um rapaz chamado Manoel Firmino Vieira, que havia algum tempo olhava para ela com interesse.

Chegou até ele e perguntou sem mais rodeios,

"Tu tem coragem de fugir comigo?" Manoel, pálido, surpreso e assustado com a pergunta totalmente inesperada, perdeu a voz e ficou sem saber o que dizer por um momento.

"Como é, quer fugir ou não?" insistiu Maria de Lourdes, olhando fixamente para o pretendente. Manoel se recompôs do susto e com uma voz trêmula respondeu prontamente que sim.

Combinaram o plano, dia e horário da fuga. Manoel acertaria com um casal amigo, que morava numa fazenda na vizinhança para que os acompanhassem no dia da fuga. Era assim que ditava o código social daquela época; mesmo numa situação de fuga, a moça sempre precisava ser acompanhada antes do casamento. Às escondidas, minha avó começou a juntar suas roupas e alguns pertences numa trouxa e no dia combinado, logo ao escurecer, pulou pela janela do meu quarto e, sem olhar para trás, saiu correndo, o coração

batendo forte com medo de ser avistada pela mãe. Era uma noite clara de lua cheia, muito bonita. Lá fora, estavam Manoel e seus amigos à sua espera. Às pressas, montou em seu cavalo e se dirigiram para a casa da fazenda dos amigos que os abrigaram naquela noite.

Casou-se com Manoel Firmino Vieira no ano de 1926 e ali mesmo na vizinhança se estabeleceu num pequeno pedaço de terra. Logo engravidou da minha mãe Ismênia, a qual nasceu no dia 5 de dezembro de 1927. Contrariamente à sua mãe e sua irmã Aurora, que tiveram filhos em anos seguidos, seu segundo filho, Expedito, nasceria somente cinco anos depois no dia 5 de fevereiro de 1932. Maria de Lourdes e Manoel viviam uma vida muito difícil, com escassos recursos financeiros para criar os seus filhos. Meu avô Manoel ganhava muito pouco com o seu trabalho de almocreve e minha avó, assim como sua mãe Philomena, costurava para a vizinhança ajudando com as despesas da família.

Manoel Firmino era um homem alto, esguio, de pele morena clara. Tinha um temperamento dócil, maleável, adaptando-se bem a uma relação harmoniosa com sua esposa, cujo temperamento era forte e autoritário. Falava pouco, era passivo, deixando para a esposa a decisão final de todas as questões domésticas, principalmente a educação dos filhos. Seu trabalho de almocreve envolvia viagens constantes transportando mercadorias de terceiros no lombo de uma tropa de burros, ocasiões em que se ausentava por longos períodos, deixando minha avó sozinha com a jornada tripla para cuidar da casa, dos filhos, e de suas encomendas de costureira.

O almocreve era um indivíduo que transportava mercadorias de uma região a outra, usando animais de carga - uma atividade muito antiga, que remonta aos tempos da idade média em Portugal. O almocrevado era essencial e

comum no sertão até meados do século XX, época em que o transporte e os meios de comunicação eram ainda muito precários. As comunidades remotas dependiam portanto deste tipo de transporte para o abastecimento local. Uma das rotas de grande importância feita pelos almocreves era o transporte de peixes, do litoral para o interior, e no sentido inverso, levando cereais para o litoral. Desta forma garantiam o fornecimento de produtos que, de outra forma, não seriam disponíveis nestas regiões.

Meu avô almocrevava pelas cidades do agreste e sertão, transportando diversas mercadorias, incluindo frutas, feijão, milho e rapadura, no lombo de burros, levando semanas fora de casa nesta lida itinerante. O famoso bandido do sertão, Lampião, foi almocreve antes de entrar no cangaço, atribuindo-se a ele este verso:

“Eu em toda a minha vida/
Nunca fui cabra de peia/
Antes de ser cangaceiro/
Respeitei a filha alheia/
Trabalhei e almocrevei/
Pra Seu Delmiro Gouveia.”

Minha avó Lourdes, continuava a sua luta diária criando seus filhos praticamente sozinha, não fosse a presença da numerosa família vivendo no Serrote da Furna. Eram muito próximos e sempre se encontravam no final da tarde para conversarem, e muitas vezes para fazerem as refeições. Em certa ocasião estavam todos reunidos na casa do Tio João Alves, irmão de Philomena, o qual tinha convidado a família para um almoço. Todos gostavam de ir pra casa dele, pois sendo o mais abastado da família, possuía uma casa grande muito bonita, podendo acomodar toda a família confortavelmente. A casa tinha um extensa fachada

da, com quatro largas janelas, uma porta principal, e um ventilado alpendre, onde havia cadeiras de balanço para o descanso depois de um dia de trabalho árduo, e de onde podiam também apreciar as plantas floridas e as árvores frondosas do terreiro.

Estavam João Alves e o sobrinho Marinho conversando no alpendre, enquanto esperavam a hora do almoço, permanecendo os outros membros da família dentro de casa, na sala de visitas. Lá estavam meus avós Maria de Lourdes e Manoel. Philomena e outras mulheres estavam na cozinha preparando o almoço; o feijão já estava quase pronto, e o seu cheiro delicioso podia ser sentido em toda casa, chegando até o alpendre. As crianças brincavam ruidosamente no terreiro à sombra de uma imensa mangueira, onde foi instalado um balanço para elas se divertirem.

Sabia-se que Lampião, quando decidia invadir uma área, usava os seus mandantes para pesquisar e descobrir quais eram os fazendeiros mais ricos daquela região. Em seguida, mandava um recado dizendo que iria invadir e queria tantos mil réis. João Alves era um comerciante e agricultor influente e bem sucedido na região; tinha uma pequena fábrica de melhoramento de algodão chamada Vapor, distante umas duas ou três léguas do Serrote da Furna.

Lá o algodão era descaroçado, a pluma vendida em Santana do Ipanema, e o caroço usado para alimentar o gado. Tio João Alves recebeu um recado de Lampião dizendo que ele seria visitado e queria uma certa quantidade de dinheiro. O bando foi inicialmente à fábrica, e como não encontraram ninguém, botaram fogo em tudo e se dirigiram para a fazenda. Como era de costume, Lampião mandou primeiro um cangaceiro à frente do bando para abrir o caminho.

Ao avistarem o cangaceiro aproximando-se da cancela da fazenda, João Alves e o sobrinho Marinho correram em sua direção, cada um portando armas de fogo escondidas

no cinturão embaixo das camisas. Marinho tentou impedi-lo e entraram numa luta corporal. De dentro de casa, os outros membros da família ouviram um grande barulho de homens brigando; correram até a porta, e ao avistarem o cangaceiro, entraram em pânico, paralisados pelo terror.

“Minha nossa senhora, é o bando de Lampião!” bradou minha avó.

“Fechem todas as janelas!” E correndo para o alpendre gritou, “Meninos, corram, corram depressa pra dentro de casa.” Com as pernas tremendo e o suor escorrendo pelo rosto, correram todos para um canto da sala, como animais acuados por um predador.

Chegando o resto do bando, disseram: “Vamos prender este que é galo de briga,” referindo-se ao Marinho. Foram até a casa e o trancaram num quarto dos fundos, juntamente com o seu filho Clodolfo e tio João Alves com seu filho mais velho. Voltaram para a sala, onde os outros estavam. “Fica todo mundo aqui quietinho, e nem um pio,” ordenaram.

Apontando um rifle, um dos cangaceiros tomava conta do grupo, enquanto o restante do bando vasculhava toda a casa, roubando tudo que encontrava: dinheiro, armas, joias, relógios, brincos e anéis, tecidos e roupas. Não satisfeitos em fazer uma total varredura na casa, voltaram para molestar as mulheres. Dindinha, mãe de Philomena, usava uns brincos grandes de ouro muito bonitos trazidos de Portugal, e os bandidos os arrancaram abruptamente, levando as suas orelhas.

Minha avó, sendo uma mulher muito bonita e atraente, chamou logo a atenção do bando. Lampião veio à frente, alto, esguio, medindo por volta de 1,70 metros de altura, usava o seu chapéu de couro bordado com medalhas de ouro, correntes de ouro no pescoço, como também vários anéis de ouro e dentes de ouro, mais parecia uma espécie de divindade. Mal podia acreditar minha avó, que ali esta-

va ele, bem na sua frente, em carne e osso, o famigerado e mais temido bandido Lampião, olhando-a fixamente. Por trás dos seus óculos de aros redondos escondiam-se olhos afiados como o facão que carregava na sua cintura. Sua voz, no entanto, era mansa, serena, falava baixinho, uma voz acostumada a ser obedecida sem nenhuma contestação. Com esta voz mansa julgava quem merecia viver ou morrer. As mãos também eram delicadas; era difícil acreditar que eram as mesmas que cruelmente sangravam seus inimigos.

Um clima de terror pairava no ar. As crianças assustadas começaram a chorar desesperadamente, assim como suas mães, tentando consolar os seus filhos, pedindo para que ficassem calados, temerosas que os cangaceiros se irritassem com o barulho e fizesse qualquer mal a eles. Minha avó, sendo uma mulher corajosa, mesmo aterrorizada, se dirigiu diretamente a Lampião. "Pelo nome de Nossa Senhora da Conceição, me livre e proteja minha família e meus filhos," suplicou minha avó, com a voz trêmula e muito pálida, nem uma gota de sangue em seu rosto.

Lampião se comoveu, tinha prazer em ver o terror nos olhos das pessoas, um sinal de respeito, a seu ver. Gostou de ver a coragem dela, pois não era toda mulher que lhe dirigia a palavra, e principalmente porque pediu em nome da sua santa. Desde o seu batismo tinha sido consagrado a Nossa Senhora da Conceição, usava sua medalha no pescoço e rezava todos os dias o Ofício da Imaculada Conceição. Não podia negar um pedido feito no nome dela.

"Ninguém vai bulir com esta mulher e ninguém da família dela," ordenou Lampião ao seu bando. No entanto meu avô não teve tanta sorte, pois Lampião virou-se pra ele. "Cabra, tú vem com a gente, tenho serviço pra você." Meu avô, paralisado, e sem dizer uma só palavra, acenou resignadamente com a cabeça em consentimento.

"E vocês, junta tudo que acharam e vamos arribar daqui. Hoje ainda tem muito chão pela frente," declarou Lampião ao seu bando.

Assim Manoel Firmino Vieira foi obrigado a seguir com Lampião e o bando de cangaceiros. Minha avó ficou desesperada diante da situação inusitada de ficar viúva com um marido vivo. Conta ela que depois de três longos dias, voltou meu avô completamente exausto, coberto de poeira e de arranhões no corpo. Havia fugido do bando ao anoitecer, e com o coração na boca, se embrenhou pela caatinga afora rastejando por entre a vegetação espinhosa.

Sabia que se fosse pego, sofreria torturas inimagináveis, pagando, com sua morte, o preço maior por sua audácia. Outros membros da família dizem, por sua vez, que Lampião levou meu avô Manoel com ele para usá-lo como informante, e assim identificar as casas dos fazendeiros ricos e influentes da região. A teoria era que, por ter cooperado com o bando, foi poupado da morte.

Outros não tiveram tanta sorte. Na mesma ocasião em que invadiram o Serrote da Furna, o bando visitou outros fazendeiros abastados na região. Invadiram o sítio de João Mendonça e de Brasiliano. Este último foi morto por Lampião simplesmente porque o mesmo tinha um cavalo melado na porta. Lampião disse que ia levar, Brasiliano reclamou, ele ouviu, e virando-se para trás, e sem mais uma palavra, atirou nele.

Enquanto isto o Marinho, que havia sido preso pelo bando, abriu um buraco no telhado e fugiu com o seu filho. João Alves, que era mais velho e mais pesado, não conseguiu acompanhar o sobrinho na fuga. Quando os cangaceiros chegaram e viram que o outro tinha fugido, ficaram irados e apontaram a arma para matar João Alves, mas o filho implorou "Não faça isso por amor de Padim Cíço." E Lampião disse, "Deixa o homem em paz," sendo ele muito devoto do

Padre Cícero, o respeitava, e sempre quando o encontrava, ajoelhava-se e lhe beijava a mão. Se alguém pedisse por ele, era sempre atendido.

Estas histórias contadas por nossos ascendentes aguçam a imaginação das novas gerações. Sempre nutri um fascínio por este personagem que viveu no sertão uma vida inusitada, controversa, e que morreu tão tragicamente; a fotografia da sua cabeça decapitada povoava o meu imaginário. Afinal Lampião foi herói, defensor dos injustiçados ou vilão?

Existem versões em que ele é retratado como um bandido sanguinário e cruel, e outras como um homem intensamente religioso e bondoso, principalmente com os pobres. Foi ele vítima da injustiça do sistema coronelista ou bandido convicto? Em seu livro *Lampião, Seu Tempo seu Reinado*, o Padre Frederico Bezerra Maciel claramente defende a tese de Lampião ter sido um justiceiro, e não um bandido comum. Relata que ele tinha uma motivação social na sua vida no cangaço, o qual ele considerava como a única plataforma anticoronelista do sertanejo.

Por outro lado, o historiador Cicianato Ferreira Neto, em seu livro *A Misteriosa Vida de Lampião*, narra uma versão mais neutra, descrevendo os fatos objetivamente, mostrando as muitas facetas de Lampião, um homem certamente inteligente, com uma personalidade complexa, capaz de atos sanguinários, extremamente cruéis, mas também religioso, com um profundo sentimento de justiça, capaz de demonstrar grande generosidade. Declara o autor ser difícil diferenciar o fato da ficção, uma vez que inúmeras histórias foram contadas sobre Lampião, e muitas pessoas foram envolvidas nos seus quase 20 anos de cangaço (1922-1938); vítimas, coiteiros, policiais e autoridades, todos contam diferentes versões do homem que se tornou uma lenda no sertão, conhecido nacional e internacionalmente.

Seguindo-se aos eventos traumáticos da visita de Lampião, aos poucos a vida voltava ao normal no Serrote da Furna. A família crescia e o número de netos e bisnetos de Philomena aumentava a cada dia. Era muito querida por todos eles, os recebia com todo carinho em sua casa, trazendo-lhes muitas alegrias, principalmente agora, quando se aproximava da sua velhice.

Hoje Zilda relata como foi feliz na sua infância com a sua avó, a quem considerava sua segunda mãe, a pessoa mais importante da vida dela, e com quem aprendeu tudo que sabe. Muito apegada à família e às tradições, Philomena dizia: "O sangue corre na veia em qualquer hora, em qualquer tempo. Se não correr pela manhã, corre pela tarde." Seguidora fiel do catolicismo, um dia pediu a Zilda. "Prometa que você nunca mais vai deixar de ser católica," o que Zilda fielmente cumpre até a presente data.

Lindinalva, filha mais nova de Aurora, foi criada por Philomena. Conta que adorava a comida preparada pela avó no seu fogão de lenha, onde fazia um feijão delicioso, bem temperadinho, onde ela adicionava pedaços de berinjela que ela cultivava no seu quintal. Philomena levava uma vida bem modesta, sem nenhum luxo.

Comiam o feijão com farinha, uma alimentação simples, mas deliciosa; são lembranças felizes que Lindinalva guarda até hoje em sua memória. Diz ela: "minha avó também me ensinou a rezar, a ser um pessoa honesta, devo tudo a ela." Toda noite a avó rezava o terço, e durante o mês de maio colocava uma bandeira na frente da casa, cujas paredes eram repletas de santos, havendo também um oratório com o colégio de Jesus. Assim ela rezava.

"Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo tende piedade de nós"

Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo dá-nos a paz"

Philomena ainda continuava costurando e também usava as suas habilidades de rendeira para sobreviver; e assim o fez até uma idade avançada. Sendo portuguesa, era exímia na renda de bilros, com a qual confeccionava itens de vestuário, roupa de mesa e de banho, entre outros. A renda de bilros é uma atividade artesanal muito popular em Portugal, chegando ao Brasil com os imigrantes portugueses.

Na época do Brasil Colônia, era comum entre as moças de fino trato das fazendas fazerem renda de bilros. É um tipo de renda especial, confeccionada sobre uma almofada, a qual serve de base para a execução do trabalho artesanal, e onde fica o desenho a ser seguido com o trançar dos bilros. É um trabalho minucioso, que exige atenção e capricho na execução, uma tradição passada de mãe para filha.

Philomena acompanhou o crescimento de muitos dos seus descendentes, netos e bisnetos, incluindo a prima Maria Helena, nascida no Serrote da Furna, lá vivendo até os dez anos de idade. O primo Mário também tem vívidas recordações carinhosas de sua bisavó, durante o tempo em que ela morou com o seu pai Francisco Tenório.

Recorda Maria Helena que, em sua velhice, Philomena só usava vestidos pretos ou cinza de linhas escuras, nunca de cores e o longo cabelo era penteado para trás e enrodilhado na nuca, formando um cocó. Lembra ainda que quando a família comprava presentes para a bisavó eram sempre pentinhos, que Philomena gostava de colocar na cabeça acima do seu cocó. Sempre ensinava os mais jovens a rezar, o que ela fazia de memória.

Minha avó Lourdes, juntamente com o seu marido Manoel e seus dois filhos, resolveram deixar o Serrote da Furna, à procura de uma vida melhor, um futuro promissor para Ismênia e Expedito. Queriam tentar a vida na cidade; almejavam uma melhor educação e melhores oportunidades para eles, essas inexistentes na zona rural. Em suas an-

danças, almocremando pelos sertões, meu avô, precisando de água e de descanso, havia amarrado seu animal à sombra de uma figueira, numa graciosa cidade, muito pacata, e com um povo acolhedor, onde ele imediatamente se sentiu bem recebido. Olhou em volta, o sol intenso realçava as paredes coloridas das casas e o verde brilhante das árvores na rua principal.

“Aqui meus filhos podem ser felizes,” pensou Manoel. A cidade chamava-se Carnaíba, e para lá decidiram partir...



Philomena Maria de Oliveira, nossa bisavó, contava com apenas dez anos de idade quando emigrou de Portugal com sua família no final do século XIX, para viver no Sertão Pernambucano. Nascida em 1880, contava com 22 anos quando casou-se com o Coronel João Tenório de Mascarenhas no dia 5 de fevereiro de 1902, e desta união nasceram quatro filhos: Aurora, Euclides, Benjamin e Maria de Lourdes.



Maria de Lourdes Tenório de Oliveira, nossa avó, nascida em 1902. Mãe Lourdes, como a chamávamos, era bela, esbelta, muito parecida fisicamente com sua mãe. Tinha herdado os traços físicos da família Oliveira: pele branca e olhos de um azul celeste cintilante. Seu olhar penetrante traduzia inteligência e sagacidade.



Euclides Tenório Cavalcante, segundo filho de Philomena, nascido no dia 1 de agosto de 1905. Euclides era um homem esguio, tinha o cabelo loiro, a pele branca e belos olhos azuis como os da sua mãe. Era falante e se expressava muito bem, gostava de discursar em público e recitar poesias, uma característica comum a vários membros da família.



Francisca Tenório de Mascarenhas, nossa tia avó, filha do primeiro casamento do nosso bisavô João Tenório de Mascarenhas. Francisca tornou-se freira na Congregação das Irmãs Franciscanas, passando a chamar-se Irmã Francisca. Amada por todos nós, quando avistávamos a sua figura inconfundível no começo da rua, vestindo seu tradicional hábito preto, era uma festa, pois sabíamos que ela traria presentes para todos.



Aurora Tenório de Oliveira (à esquerda), filha mais velha de Philomena, a quem conhecíamos como Mãe Lola, nasceu no dia 7 de julho de 1904. Aurora era uma mulher bonita, alta, cabelos longos lisos e negros, e a pele morena. Sua mãe dizia que ela tinha mais a aparência física do pai João Tenório. Ao lado de Aurora, sua filha mais nova Lindinalva, e suas netas Maria Helena (à esquerda) e Maria Helenice. São Paulo, 1961.



José Abílio de Oliveira Lima, nosso Tio Zezinho, nasceu no ano de 1915, quinto filho de Philomena, do seu segundo casamento com Abílio Correia de Oliveira Lima. Na foto, José Abílio ao lado da sua esposa Maria Anunciada e seus filhos: a filha mais velha Zilda, (última à direita), ao seu lado Aníbal, Zilma (nos braços da mãe) e Divonildo (em frente ao pai).



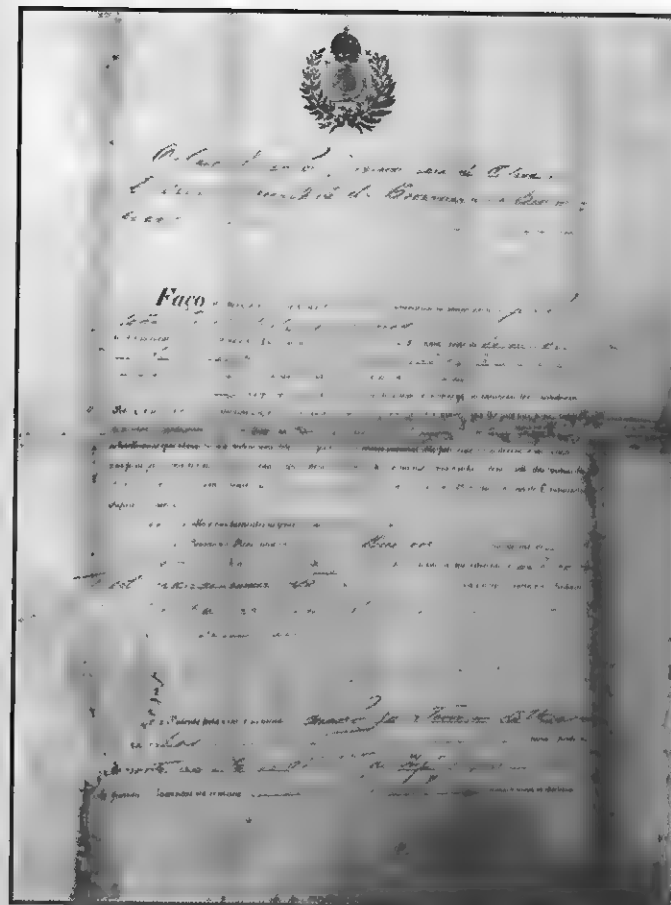
Casa-grande da Fazenda Sablá, um elegante sobrado de arquitetura colonial, com dois pavimentos. À época, a principal atividade agrícola era a lavoura do café, figurando nosso bisavô João Tenório de Mascarenhas dentre os maiores produtores de café da região, o que gerava uma grande demanda de mão de obra, e para tanto possuía em torno de 250 escravos trabalhando nos cafezais.



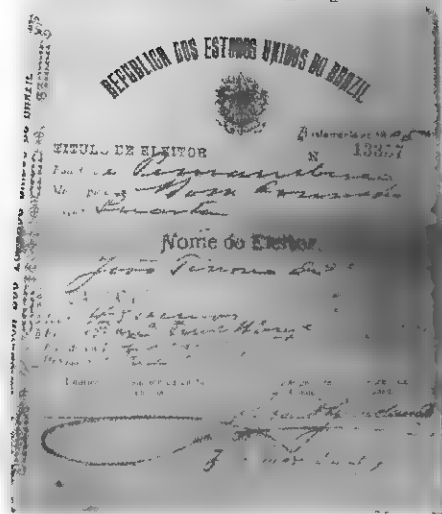
...de da fazenda da família Oliveira no Serrote da Furna. Vê-se o seu amplo e confortável salão, onde a família congregava nos finais da tarde para descansar e conversar sobre as notícias do dia. Após tornar-se viúva, Philomena voltou para a fazenda onde criou os seus filhos: Aurora, Euclides, Benjamin, Maria de Lourdes e João. Na foto, o primo Mário Tenório (à esquerda) e seu pai Francisco Tenório, com um carro de bois, principal meio de transporte da época.



Extremamente católicos, os Oliveira construíram uma Igrejinha no sítio do Serrote da Furna. No altar da Igreja vê-se a imagem de São Pedro, a qual trouxeram de Portugal e que com eles viajaram, protegendo-os durante a longa travessia até ao Brasil. Lá aconteciam os casamentos e batizados dos membros da família e, no dia de São Pedro, comemoravam a data com muitas festividades. Dias de novena eram celebrados com a Banda de Pifanos.

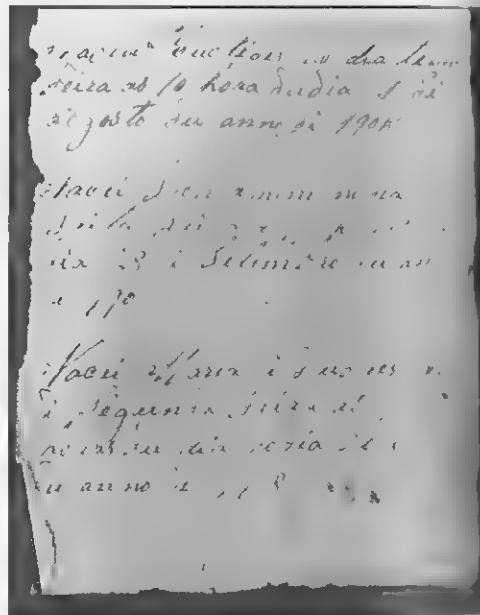


Carta patente de Tenente (mais tarde promovido para Coronel) da Guarda Nacional de João Tenório de Mascarenhas, datado em 1888. Consta no documento, exibindo o lindo brasão do Brasil Império, que a patente foi emitida pelo Palácio da Presidência de Pernambuco, 8ª Companhia, do 62º Batalhão da Infantaria da Guarda Nacional, da comarca de Bom Conselho, "aos dezanove dias do mês de Junho do ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e oitenta e oito." Esse documento é uma relíquia histórica, e representa um registro importante da época do coronelismo no Brasil.



Título de eleitor
do nosso bisavô
João Tenório de
Mascarenhas, quando
contava 45 anos.
Documento número
13357, emitido no
ano de 1905, pela
então República dos
Estados Unidos do
Brasil. Nessa época,
somente homens
abastados, possuidores
de latifúndios, tinham o
direito ao voto.

Extrato do diário de
Philomena. Com a sua linda
calligrafia, que denota um
grau de educação superior
à maior parte das mulheres
da sua época, Philomena
registrava meticulosamente
em seu diário importantes
eventos da sua vida, como
a data de nascimento dos
seus filhos. Neste extrato,
vê-se que Euclides nasceu
no dia 1 de agosto de 1905,
numa terça-feira às 10
horas da manhã e Maria de
Lourdes no dia 20 de janeiro
de 1908, às 12 horas de uma
segunda-feira.



UMA SERTANEJA E SEUS 14 FILHOS



*“Pelo que disse: Ah! quem me dera asas como de pom-
ba! voaria, e estaria em descanso. Eis que fugiria para
longe, e pernoitaria no deserto. Apressar-me-ia a esca-
par da fúria do vento e da tempestade.”*

Salmo 55:6-8

Ao chegar em Carnaíba minha mãe Ismênia, filha de Maria de Lourdes e neta de Philomena, contava com 12 anos de idade. Ainda uma menina, mas já se comportava como uma mulher, mostrando desde cedo um caráter forte e uma personalidade já bem definida, com determinação e ideias próprias. Pensava que já sabia das coisas e do que queria, dispensando a opinião ou os conselhos dos mais velhos, incluindo sua própria mãe. Fisicamente também parecia ser mais velha, esguia, bonita, tinha pele branca e perspicazes olhos cor de mel, de um tom castanho claro amarelado.

A primeira providência tomada por minha avó foi matricular os dois filhos, Ismênia e Expedito, na escola municipal, que embora oferecendo apenas a educação primária, era esta do mais alto nível, contando com professores dedicados e capacitados. Desde aquela época Carnaíba já se destacava em oferecer um ensino diferenciado, mantendo até o presente uma tradição de excelência na área da educação. Com a professora Salomé Veloso minha mãe e meu tio Expedito obtiveram uma educação básica admirável, liam, escreviam com excelente caligrafia e dominavam as operações fundamentais, além de se expressarem muito bem em público e recitarem poesias.

Carnaíba é situada no Sertão do Pajeú, estado de Pernambuco, há 400km de distância da capital Recife. Tem uma área de 436,981 km², com uma população de 19.155 habitantes IBGE (2009). Segundo o livro *Carnaíba – A Pérola do Pajeú*, escrito pelo Padre Frederico Bezerra Maciel (Cepe 2019), a

origem do nome Carnaíba remete-se à palmácea carnaúba (*Copernícia Prunífera*), árvore abundante na região, cuja folha é usada para extração de cera, de grande valor industrial, conhecida no exterior como “cera brasileira.”

Em 1939, época em que meus avós e filhos chegaram, Carnaíba ainda era um distrito de Flores, alcançando independência política no dia 30 de dezembro de 1953. Como outras cidades sertanejas, Carnaíba tem baixo índice pluviométrico e como tal é propensa a longos períodos de estiagem. A principal atividade econômica naquela época era a agropecuária de subsistência, incluindo, principalmente, a criação de bovinos e caprinos e o cultivo de milho, feijão, arroz e mandioca. O comércio também figurava como uma importante atividade na cidade.

Para sustentar a família, minha avó continuou com o seu ofício de costureira, recebendo suas encomendas de costura no distrito e vizinhança, enquanto meu avô almocrevava pelos sertões afora. Sua filha Ismênia, agora com 14 anos de idade, começava a mostrar sinais de quem estava interessada em namorar. Como bem expressa a letra da música *O Xote das Meninas* de autoria de Luiz Gonzaga e Zé Dantas, filho ilustre de Carnaíba:

“De manhã cedo já tá pintada
Só vive suspirando, sonhando acordada...
Ela só quer, só pensa em namorar”

Certo dia, quando voltava da escola, ao passar em frente da mercearia da esquina, Ismênia avistou um rapaz muito atraente, cabelos pretos e lisos. Vestia-se elegantemente com uma impecável camisa branca muito bem engomada, que refletia o sol, e destacava a sua pele morena e belos olhos negros. Perguntou a sua amiga Carminha que a acompanhava:

"Carminha, tu sabes o nome daquele rapaz?"

"Ah é o Miguel, filho do Seu José Miguel e Dona Maria Rosalina, a família toda mora no sítio Poço do Pau," respondeu Carminha.

"Como ele é bonito, tu não achas?", perguntou Ismênia.

"É, mas tem que ter cuidado com ele, tem fama de namorado," aconselhou a amiga gracejando. As duas então começaram a rir, olhando na direção do rapaz enquanto caminhavam.

Miguel sentindo o olhar das moças, imediatamente direcionou o seu olhar e acenou, respondendo com um sorriso. Envergonhadas, viraram a cabeça para o outro lado da rua, apressaram o passo e, fingindo que não haviam notado o aceno, desapareceram de vista. A partir desse dia, Miguel começou a esperar no mesmo local pela passagem das moças todos os dias, cronometrando exatamente o horário em que terminavam as aulas e deixavam a escola. Um dia tomou coragem e se aproximou das moças.

"Bom dia meninas, como foi a escola hoje? Seu olhar dirigia-se a Ismênia.

"Mais ou menos," respondeu Ismênia, baixando a cabeça, com um sorriso tímido.

"Vocês querem dar um passeio na beira do rio?"

"Não, sei não...minha mãe tá esperando em casa... amanhã a gente vai," disse Ismênia.

E assim começou o namoro e se encontravam depois da escola todos os dias. Minha avó, percebendo que a filha começou a se demorar frequentemente para chegar em casa, a seguiu um dia. Ao descobrir o namorado, não gostou nada do que viu, e mesmo a distância, gritou com a voz alterada, fumegando de ira.

"Ismênia, volta já pra casa, lá a gente conversa," ordenou minha avó. Minha mãe voltou-se em sobressalto, e branca

como uma folha de papel, correu imediatamente para casa. Voltando-se para Miguel, disse minha avó:

"O senhor, deixe a minha filha em paz, ela é ainda uma criança e o senhor um homem barbado... Quem avisa amigo é, não se aproxime dela ou vai se acertar comigo," ameaçou minha avó.

Chegando em casa, chamou a filha para ter uma conversa séria:

"Ismênia, esse rapaz não serve pra você, tem o dobro da sua idade, e você não tem idade de namorar, precisa estudar. Crie juízo, ele está lhe iludindo," concluiu sua mãe, visivelmente preocupada.

"Mas mãe, eu gosto dele..."

"Gosta nada... não quero ouvir nem mais uma palavra... você tá enrabichada por este homem. Está proibida de se encontrar com ele e de me desobedecer... você sabe o que pode acontecer," disse minha avó com os olhos azuis arregalados e as pupilas dilatadas. Ismênia conhecia bem o temperamento forte, autoritário da mãe e sabia que ela não estava brincando, sofreria consequências sérias se a desobedecesse, no mínimo levaria uma boa surra.

No entanto a paixão falou mais alto do que o temor da sua mãe. Às escondidas Ismênia e Miguel continuaram a se encontrar. Até que um belo dia foram flagrados mais uma vez, e desta vez as consequências foram bem mais sérias: depois de apanhar, Ismênia foi trancada em seu quarto, proibida de ir à escola.

Miguel, maduro e experiente, desconfiando de tudo, planejou cuidadosamente uma fuga, o que não foi difícil. Sociável, e sendo filho da terra, tinha muitos amigos na cidade e sabia que podia contar com eles. Conseguiram a cópia da chave do quarto, e por recados acertaram o dia e hora da fuga. Conversou com o seu amigo Otacilio Gomes,

comerciante local, para abrigar a noiva em sua casa até o dia do casamento.

E assim a história se repetiu, como acontecido com sua mãe, Ismênia também fugiu para casar-se com Miguel. No dia acertado, Miguel a esperava, e imediatamente ela foi acolhida na casa de Otacilio Gomes. Este visitou minha avó para comunicar o fato, tentando convencê-la que deveria aceitar o casamento, pois seria a melhor solução para o problema. Com desgosto, mas sem nenhuma alternativa, meus avós concordaram e deram permissão para que o casamento fosse realizado.

O código moral da época ditava que, uma vez uma moça deixasse sua casa, automaticamente tinha sua reputação manchada, e como tal, não existia um caminho de volta; para os pais a única opção para dignificar sua filha seria abençoar a união legal. Otacilio Gomes cuidou dos papéis e os levou para o cartório de Flores para registrar o casamento, o qual realizou-se no ano de 1942.

A família Tenório uniu-se assim com a família Miguel. Meu pai chamava-se Miguel José da Silva, filho de José Miguel da Silva e Rosalina da Conceição; eles geraram sete filhos: João Miguel, José Miguel, Antônio Miguel, Neco Miguel, Quitéria Miguel, Francisca Miguel, e meu pai. Eram uma família de agricultores estabelecidos inicialmente no sítio Poço do Pau em Carnaíba. Mais tarde os filhos casaram e passaram a ter suas próprias terras nos Sítios Santa Rosa e Caruá. Eram bem sucedidos: o tio Neco tinha casa de farinha e plantação de fumo.

Meus pais começaram o seu casamento vivendo uma vida simples, com poucos recursos. Meu pai possuía não mais do que 40 réis em seu bolso, dinheiro que obtinha consertando bicicletas. Minha mãe, tendo muita iniciativa, e sendo ativa, juntou-se a seu marido e assim prosperaram, tornando-se comerciantes bem sucedidos em Carnaíba.

Com sua determinação, poderia dizer que minha mãe foi um exemplo esplêndido da tenacidade e resiliência dos sertanejos. Mas o começo foi muito difícil e exigia muitas horas de trabalho, perseverança e dedicação; minha mãe começou fazendo cocadas para vender na mercearia e trabalhava o dia todo, lado a lado com o seu marido no balcão atendendo os clientes. Ambos eram muito comunicativos, pois meu pai era inteligente e tinha tirocínio comercial; sua meta era agradar os seus clientes, os tratando da melhor maneira possível, oferecendo tudo o que eles desejassem. "Cliente meu só sai daqui satisfeito", dizia ele.

Meu pai teve excelentes lucros com suas vendas à época da construção da ferrovia em Carnaíba. A Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA), planejando estender a estrada de ferro em Pernambuco entre Sertânia e Salgueiro, decidiu fazê-lo pela região do Alto do Pajeú, tendo para isto contratado a empresa Construtora Camillo Collier.

Os trabalhadores da construtora recebiam vales, os quais podiam ser trocados por mercadorias ou por dinheiro; muitos compravam as mercadorias na mercearia do meu pai, o qual acumulava os distintos tickets impressos em cartolina, decorados com uma faixa vermelha. Mais tarde estes vales eram resgatados pelo chefe da companhia que pagava a meu pai o preço equivalente às mercadorias compradas pelos trabalhadores.

É interessante notar que o pároco de Carnaíba naquela época, Padre Maciel, grande benfeitor, amante e defensor incansável dos direitos do povo carnaibano, lutou ferozmente para que fosse construída em Carnaíba uma estação enquanto os leitos para os trilhos estavam sendo preparados. Como enfrentou resistência dos diretores da RFFSA, preparou uma abaixo-assinado, precisando superar grandes dificuldades no processo de coletar as assinaturas de um povo semi-analfabeto, que precisava assinar com pena pico de pato e tinta tinteiro.

Conta o Padre Maciel que não foi nada fácil para aquelas mãos acostumadas ao trabalho da roça, assinarem seus nomes sem rasuras, na linha certa, sem borrar ou invadir o espaço do outro assinante. Uma verdadeira batalha, e depois de várias tentativas, e quase uma resma de papel perdida, a petição foi vencedora e a RFFSA concordou em construir, não uma estação, mas um “Ponto de Parada” obrigatório para o trem em Carnaíba.

Ismênia logo engravidou, e com apenas 16 anos deu à luz sua primeira filha, Deodet no dia 13/5/1944. Para ter tempo de trabalhar na mercearia, Deodet ficou aos cuidados da avó Lourdes, carinhosamente chamada Mãe Lourdes, assim conhecida por toda a família. Mãe Lourdes, agora já completamente reconciliada com sua filha e seu genro Miguel, estava disposta a ajudar no que fosse preciso, e com amor assumiu os cuidados da neta. Moravam em casas vizinhas, assim minha irmã tinha também a atenção da sua mãe, quando não estivesse trabalhando.

Não tardou muito até que a segunda filha nascesse no dia 16/10/1946. Quando lhe perguntaram, “Que nome você vai dar a sua filha?” Ela respondeu, “Vai se chamar Deusdedit, e todos os filhos que eu tiver, vou botar o nome começado com a letra “D”, que é a letra de Deus”. E assim aconteceu: Djalma nasceu no dia 25/11/1948, Dulcinete no dia 18/04/1950, e Divonete em 16/09/1952.

Enquanto a família crescia, à época meus pais já contavam com cinco filhos, o trabalho na mercearia também se intensificava. Incansavelmente minha mãe se dividia entre cuidar dos filhos e trabalhar no comércio. Para ajudá-la com as tarefas domésticas, contava com Regina, sobrinha do nosso avô Manoel Firmino, uma pessoa maravilhosa que morava conosco, e nos tratava com imenso afeto.

As amigas da minha mãe diziam que ela não tinha tempo para conversar, pois estava sempre ocupada; muito dis-

posta, inteligente e ativa, trabalhava arduamente para dar conta de todas as suas tarefas diárias. Era perfeccionista, fazendo questão de supervisionar de perto todo trabalho, para que fosse executado no mais alto padrão. Quando queriam conversar com ela, precisavam passar na mercearia e entre um cliente e outro botar as notícias em dia.

“Ismênia, como estão as coisas, comadre? perguntou Dolores, se encostando no balcão. “Tudo na mesma, comadre, muito trabalho, já tenho uma escadinha de meninos pra criar,” disse Ismênia, enquanto arrastava uma saca de farinha do fundo da mercearia para ficar mais perto do balcão.

“Mas comadre, você não deve carregar tanto peso, principalmente com este barrigão. Toda vez que te vejo, tu tás grávida, mulher. Desse jeito tu vai criar varizes nas pernas.” “Pois é, Miguel disse que quer ter 11 filhos, pra fazer um time de futebol,” disse Ismênia, organizando as mercadorias nas prateleiras. Dolores balançou a cabeça em desaprovação.

“Pelo menos, o negócio está aumentando comadre, vamos abrir uma outra mercearia, eu vou tomar conta dessa sozinha, e Miguel toma conta da outra,” completou minha mãe.

Como sua mãe Lourdes e sua avó Philomena, Ismênia também era uma exímia costureira. Nos finais de semana, tinha pouco tempo para descansar, enquanto Regina fazia o almoço, pois não gostava de cozinhar, fazia questão de costurar as roupas dos filhos com muito esmero. Em todo aniversário e ocasiões especiais, fazia roupa nova para todos; orgulhava-se do fato de que seus filhos andassem bem vestidos, limpos, bem cuidados e alimentados. Antes de sair para ir à igreja aos domingos, organizava todas as roupas que iríamos precisar em cima da cama, enfileiradas: vestidos, calças, meias, sapatos, tudo que fosse necessário para

que nos vestíssemos bem. Era assim que todos deviam nos ver, e por isso era sempre elogiada pelas amigas e vizinhos.

Para administrar e disciplinar um número tão grande de filhos, nossa mãe era muito rígida, e para isso precisava aplicar uma espécie de regime militar no dia-a-dia. O dia tinha que ser cuidadosamente planejado, cronometrado estritamente: hora de acordar, hora do café da manhã, hora de ir para a escola e, antes de ir para a cama, ela fazia uma inspeção.

“Meninos, cheguem aqui perto e façam uma fila,” exigia minha mãe com sua voz autoritária e olhos castanhos claros cheios de energia. Todos corriam prontamente em torno dela, pois sabiam que pagariam um preço alto por qualquer desobediência. Ela tinha a chibata e poderiam “levar uma pisa”, se assim fosse necessário. Olhava atentamente para cada um.

“Você já tomou seu banho hoje? Mostre as suas mãos, e as unhas estão limpas? E e os cabelos estão penteados? Dentes escovados?” e assim por diante. Ela continuava inspecionando minuciosamente, um por um, até que ela estivesse satisfeita de que tudo estava em ordem, e então levava todos para a cama, nos cobria cuidadosamente, fazendo uma espécie de envelope com o lençol para abrigar nossos pés, para que assim não sentíssemos frio durante a noite.

Nossa bisavó Philomena, a quem conhecíamos como Mãe Memena, juntou-se a nós em Carnaíba por algum tempo, instalando-se em uma casa nas proximidades da nossa rua. Com ela também vieram seu filho José Abílio, a quem chamávamos Tio Zezinho e a sua filha Zilda. Meu tio Expedito, agora já comerciante estabelecido, montou uma mercearia para Tio Zezinho.

Foi muito bom este tempo em que tivemos a oportunidade de conviver com três gerações da família; tínhamos sob o mesmo teto, as nossas três mães: Mãe Memena, Mãe Lourdes e nossa Mãe Ismênia. Minhas irmãs mais velhas

guardam recordações vívidas da nossa bisavó, sempre fazendo a sua renda de bilros. Desdedit, que sempre foi muito sapeca, lembra que quando Mãe Memena se descuidava, ela ia às escondidas brincar com os bilros e entrançava as linhas, arruinando o seu delicado trançado de renda!

Em 1955, Ismênia se encontrava mais uma vez grávida; chegara a minha hora de vir ao mundo! Para muitas mulheres a gravidez significa um momento mágico, de intenso júbilo e contentamento; uma concessão divina, pela qual a mulher se torna capaz de dar à luz uma nova vida. E assim deveria ser. No entanto para Ismênia a realidade era completamente diferente. À época, tinha apenas 28 anos e já havia gerado oito filhos: cinco sobreviventes (Deodet, Deusdedit, Djalma, Dulcinete e Divonete), e três meninos que faleceram ainda recém-nascidos.

Minha mãe se encontrava em uma situação na qual não tinha nenhum controle sobre o seu destino ou do seu próprio corpo. Como que levada por uma correnteza rápida e perigosa de um rio, ela submetia-se às forças poderosas da sociedade e da igreja católica, que a obrigavam a tomar uma direção indesejada para sua vida. Dona de uma personalidade forte, inteligente e criativa, almejava um pouco mais do que apenas procriar.

O código social daquela época ditava que a mulher deveria obedecer e se submeter às vontades do seu marido. Meu pai Miguel queria uma família grande, já tinha oito filhos, mas a maioria eram meninas e apenas um menino, uma vez que os outros três filhos haviam falecido. Portanto, na visão do meu pai, e da maioria dos homens daquela época, só tinha “valor” os filhos do sexo masculino, embora anos depois, mudaria de opinião. Aliado a este fato existiam ainda os rígidos e inquestionáveis dogmas da igreja, que proibiam, e ainda proibem, qualquer método de contracepção artificial para os católicos.

Na década de 1950, embora já existisse avanços científicos na área de métodos anticoncepcionais, culminando com o surgimento da pílula em 1960, a igreja católica continuava firme em sua posição contrária ao uso desse método, embora alguns líderes da Igreja tenham contestado esta opinião e ainda o fazem nos dias atuais.

Uma certa comadre mais velha e bastante experiente da minha mãe, vendo o estado lastimável de sua saúde, com as pernas cobertas de varizes estranguladas, resultante do trabalho árduo em casa, múltiplas gestações, e do esforço físico realizado por anos, abrindo pesados caixotes de mercadorias para abastecer as prateleiras da mercearia, cogitou em formas de ajudar a sua amiga. Certo dia, decidiu ir até a mercearia, chamou minha mãe para um canto do estabelecimento, e disse que precisava ter uma conversa séria, em particular com ela...

VIDA CARNAIBANA

(1939-1959)



"Eis que os filhos são herança do Senhor, e o fruto do ventre, o seu galardão. Como flechas na mão do guerreiro, são os filhos nascidos na juventude."

Salmo 127:3-4

"Ismênia, tu precisa tomar uma decisão mulher, essas tuas varizes vão estourar a qualquer momento, tu não precisa continuar essa gravidez, ainda dá tempo... tua gravidez ainda é de pouco tempo... Só precisa tomar chá forte de quebra pedra todos os dias, e você aborta sem nenhuma complicação... Ai você vai poder ir pro Recife tratar dessas tuas varizes comadre," aconselhou a amiga. Atônita, com rosto pálido, minha mãe deu um passo atrás, como que empurrada pela surpresa.

"Não pelo amor de Deus comadre, não posso fazer isso de maneira nenhuma. Deus vai me ajudar e vou criar mais esse filho, depois eu me trato. Não posso fazer esta judiação com um inocente."

E aqui estou para lhe agradecer; no final de outubro daquele ano, cheguei a este mundo no dia 27/10/1955. O parto foi feito em casa, como todos os meus irmãos, pelas mãos da parteira Mãe Cotia, uma mulher ativa, atenta aos detalhes e muito asseada. Se vestia bem, era gentil e atenciosa, desempenhando com eficiência este papel tão fundamental para a comunidade, na ausência de médicos e hospitais.

Após o parto, vinha o longo resguardo da parturiente por um mês, tempo em que repousava para cicatrização das lacerações e se refazer do trabalho exaustivo do parto. Conta a minha mãe que a parteira pendurava uma corda presa no teto, em que ela devia puxar quando sentisse as dores intermitentes, e assim ajudar o trabalho do parto.

Mãe Lourdes cuidava dela nesse período, e Regina tomava conta dos outros filhos e das tarefas domésticas.

Em preparação para a chegada do bebê, minha mãe confeccionava todo o enxoval: os paninhos do umbigo, fraldas, camisinha de pagão bordado com esmero, casaquinho de flanela para as noites mais frias, touquinha e sapatinhos de lã. Ainda tenho guardado, um lindo vestidinho bordado com motivos florais feito por ela. Assim toda arrumadinha, fui apresentada às visitas que vinham parabenizar os pais, desejar felicidades, e trazer presentes para o bebê.

A todos era servido o famoso cachimbo também preparado por minha mãe, que podia ser cachaça com mel de abelha, ou um licor de laranja, jenipapo ou maracujá, para celebrar a ocasião. O licor de laranja era delicioso, desprendia um aroma maravilhoso, aguçando os sentidos e estimulando as papilas gustativas. Era feito com cascas de laranja cravo, que eram postas em uma garrafa com álcool, deixado para embeber por vários dias. Em seguida ela preparava um mel com água e açúcar, no qual dosava a infusão das cascas de laranjas até tomar o ponto de licor.

Após a minha chegada, minha mãe permaneceu um ano sem engravidar, para o seu descanso. No entanto, para compensar, deu à luz gêmeos no ano seguinte, dois meninos a quem chamou Daércio e Djaércio nascidos no dia 01/05/1957. Como era de se esperar, meu pai ficou exultante, soltou muitos foguetes para anunciar a notícia na cidade, convidando todos os amigos para tomar um cachimbo especial. Afinal, até o dia era especial – Dia do Trabalho.

A família continuava a crescer, agora com o nono filho; nascera uma menina no dia 13/08/1959, cujo nome não começava com a letra "D," fugindo à regra estabelecida por minha mãe. Foi-lhe dado o nome de Maria de Lourdes Neta, em homenagem à sua avó, mas também pelo

fato de que Irmã Francisca, minha tia avó, aconselhou que sempre deveria haver uma "Maria" na família. Minha mãe aceitou o conselho, mas não se conformando em fugir à regra, chamava-a de D'Lourdes.

Éramos agora nove irmãos vivendo nossa infância em Carnaíba. Tivemos uma infância feliz; tínhamos uma vida desprentensiosa, imbuída de verdades simples, e contentes com o que tínhamos. A fé católica era nosso esteio e guiava nossas vidas e, como tal, todos os domingos íamos à igreja para assistir à missa; este era o evento mais importante da semana. A igreja de Carnaíba, a belíssima e imponente Igreja Matriz de Santo Antônio e São João Maria Vianney, era uma atração à parte.

Foi projetada e construída pelo inesquecível e venerado pároco-fundador Padre Frederico Bezerra Maciel, no ano de 1945. Em suas palavras, assim descreveu o estilo arquitetônico do seu projeto: "Rabisquei os traços fundamentais de como seria a Matriz: suntuosa e dentro de um estilo sincrético romântico-barroco-colonial." Minha irmã Deodet teve o privilégio de ser batizada pelo Padre Maciel.

A nossa mesa era farta, íamos à escola, brincávamos em casa e na rua, e nos divertíamos muito. Em dias chuvosos, a chegada da chuva significava diversão, um chuveiro natural com a água caída do céu; corríamos para a rua para tomar banho. Ríamos muito, pulando nas poças d'água, enquanto a chuva escorria pelo nossos rostos, dando-nos uma sensação de liberdade, de sermos capazes de fazer o que queríamos. Não nos incomodávamos se nossas roupas se sujassem e nossos calçados ficassem enlameados, tudo fazia parte da brincadeira!

Só tínhamos eletricidade até as 22h, sendo a energia gerada por um motor a gás que abastecia toda a cidade. O responsável pelo funcionamento do motor era chamado, como era de se esperar, Sr. Zé do Motor, o qual tinha a

tarefa impopular de cortar a energia por alguns segundos, todos os dias às 21h55, sinalizando à população que em cinco minutos estaríamos todos no escuro, exceto pelo uso de velas ou candeeiros de gás. No entanto isto não nos preocupava, não era empecilho para o nosso divertimento. Nas noites de lua cheia e céu claro, a rua ficava iluminada pelo luar e podíamos brincar lá fora na rua; nossa mãe costumava colocar uma cadeira na calçada e sentar-se à frente da casa para conversar com outras senhoras, enquanto ficava de olho nos filhos.

O Pajeú também era uma fonte de lazer e diversão para todos, onde tomávamos deliciosos banhos de rio, e meus irmãos mais velhos aprenderam a nadar sozinhos, sem necessidade de instrutor de natação, sem medo, ignorando os possíveis perigos que o fluxo do rio pudesse trazer. Do alto de uma pedra, gritava Deusdedit, a mais afoita de todos, chamando os outros irmãos: Deodet, Dulcinete, Djalma e Divonete.

"Subam aqui, não sejam tão covardes."

"Não, não, é muito alto pra gente," respondiam, tremendo de medo, só de pensar em escalar a rocha.

"Vocês são muito moles, deixem de besteira, venham! Daqui podemos mergulhar no rio, é muito bom," insistia.

"Não, não, deixa a gente em paz! A gente ainda não sabe nadar," respondiam, e correndo juntavam-se aos outros que tomavam banho nas partes rasas do rio, incluindo nossa mãe Ismênia e avó Mãe Lourdes. No final, todos aprenderam a nadar perfeitamente; Deusdedit conseguia até saltar e dar "bunda canastra," e até o presente mantém seus dotes atléticos. Hoje percebo a sorte que tiveram em conseguir escapar ilesos àqueles dias de aventura no rio Pajeú. Naquela época, o perigo fazia parte da diversão!

Todos tinham que ajudar nas tarefas domésticas e manter a casa arrumada. Os mais velhos ajudavam a cui-

dar dos mais novos. Havia muitas brigas e desentendimentos entre nós, mas mesmo assim nos divertíamos juntos e éramos um grupo muito unido e autossuficiente, sem espaço para animais de estimação e sem necessidade de amigos por perto. Não precisávamos de brinquedos caros para nos mantermos ocupados enquanto inventávamos todas as nossas brincadeiras: esconde-esconde, correr pela casa e subir em árvores. Na maioria das vezes, alguém acabava tendo problemas com cortes, hematomas, e até ossos quebrados e, o pior de tudo, tínhamos que enfrentar o interrogatório de nossa mãe exigindo saber quem foi o culpado!

Os meus pais continuavam trabalhando arduamente tornando-se prósperos comerciantes em Carnaíba. Inicialmente, meus avós passaram a ajudar na mercearia, seguidos pelo meu tio Expedito, mas depois de algum tempo, meu pai montou uma nova mercearia para o meu tio, onde meus avós também trabalhavam, dividindo os lucros. Meu tio Expedito era muito inteligente, e rapidamente aprendeu o ofício com o meu pai; iam para Recife fazer as compras para estocar as mercearias, e assim passou a conhecer todos os fornecedores. Logo tornou-se independente, montando a sua própria mercearia, tornando-se anos depois um empresário de sucesso em Recife.

Nas festas de São João vivíamos tempos inesquecíveis, quando todos, crianças e adultos nos divertíamos em torno de uma imensa fogueira de lenha, montada em frente à casa de Mãe Lourdes, que ficava no então Largo da Boa Vista, hoje Praça Nossa Senhora de Lourdes. Dançavam, soltavam fogos de artifício e balões, além de saborearem a maravilhosa culinária junina. Havia o milho cozido ou assado na brasa da fogueira, canjica, pamonha, pé-de-moleque, cocadas e deliciosos bolos de milho.

Ao pé da fogueira, minha avó fazia adivinhações para as moças solteiras ansiosas para saberem sobre o seu futuro;

se casariam com o seu amado ou com outros possíveis pretendentes. Numa bacia d'água, ela jogava duas brasas do carvão (que pegava com a mão); uma brasa representava a consulente e a outra o dito namorado: se as brasas se aproximassem ficariam juntos e se casariam, mas se se parassem, o destino não seria tão promissor.

Minha irmã Deodet, a quem chamamos Deta, conta que fez a tal adivinhação e o resultado foi que os carvões ficaram juntos inicialmente, mas depois separaram-se, profecia que se consubstanciou, concluiu ela. A outra adivinhação era mais angustiante: Mãe Lourdes olhava na bacia d'água e se visse a imagem da consulente, era porque ela iria viver, caso contrário, não estaria viva no próximo São João!

A festa junina, ou joanina, como era conhecida em Portugal, é festejada no dia 24 de junho, data de nascimento de São João, e foi introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses. Dentre os três santos católicos festejados no mês de Junho, a saber: Santo Antônio, o santo casamenteiro, São Pedro, o guardião das portas do céu, e São João, o santo festeiro, este último é o mais comemorado.

A tradição de usar o fogo no São João remonta aos primórdios da era cristã, quando cultos e sacrifícios eram feitos para afastar os demônios e as bruxas responsáveis pelas pestes e outros males que acometiam a população. Os portugueses, por sua vez, incorporaram esta tradição em suas festividades, acreditando que o fogo teria um papel importante na luta entre as forças do bem e do mal.

Nossa avó Lourdes, embora muito inteligente, era semianalfabeta, o que nos causava grande surpresa, uma vez que todos seus irmãos tiveram uma boa educação básica, obtida enquanto crianças no Serrote da Furna. Ademais, sua mãe Philomena era letrada e sempre foi empenhada

em educar os seus filhos. Não sabemos exatamente a razão para este fato, o que podemos especular é que, à época da sua infância e adolescência, não teve grande interesse em estudar, e tendo casado cedo, a educação deixou de ser prioridade, uma vez que naquela época, não era aceitável que as mulheres casadas estudassem.

No entanto, era obstinada e, quando queria, aprendia rapidamente, bastando apenas ter a motivação certa; e foi isto que aconteceu, quando finalmente a lei brasileira concedeu à mulher o direito do voto. Resoluta que queria votar, decidiu se alfabetizar matriculando-se numa escola para adultos.

A Constituição de 1824 do Brasil Império, restringia o direito ao voto apenas aos homens com uma renda anual de mais de 100 mil réis. Com a Proclamação da República no Brasil, e sob a vigência da primeira Constituição republicana de 1891, o voto foi estendido a todos os homens alfabetizados. No entanto, ainda havia restrição do direito ao voto às mulheres e aos analfabetos, que constituíam a grande parte da população. Somente em 1932 as mulheres adquiriram o direito ao voto. Nesta época, José de Souza Dantas era prefeito emarnaíba, e foi portanto em seu mandato que a mulher Carnaibana teve direito a votar pela primeira vez, mediante requerimento ao juiz.

Influenciado pela forte tradição musical dearnaíba, meu tio Expedito, ainda menino, fez parte da banda musical tocando clarinete. Assim como outras crianças fora treinado com carinho pelos professores de música da cidade, cientes do seu importante papel na educação dessas crianças, que aprendiam desde cedo a ter disciplina, assim tornando-se cidadãos responsáveis. As bandas de música faziam parte integrante da sociedade, desempenhando um papel fundamental na cultura local, apresen-

tando-se em ocasiões especiais como cerimônias cívicas e festas religiosas e populares.

O maestro Israel Gomes, pai do atual prefeito dearnaíba, Dr. José de Anchieta Gomes Patriota, foi um destes eminentes professores de música; muito talentoso, tocava vários instrumentos, além de ser um excelente compositor. Totalmente dedicado ao seu trabalho, conduzia a banda e os conjuntos musicais da cidade com desvelo, prestando inestimável serviço aos seus conterrâneos.

Produto desta tradição musical é o famoso compositor Carnaibano Zé Dantas, conhecido nacionalmente por suas lindas canções poéticas. Através das suas músicas, interpretadas pelo grande cantor Luíz Gonzaga, Zé Dantas levou a todos os recantos do Brasil a beleza e a sensibilidade da cultura nordestina.

Raízes Sertanejas foi inspirado pela minha infância em minha terra natalarnaíba e como disse em meu recente livro, *Os Mais Belos Sonhos Sonhei*, as composições de Zé Dantas provocam em mim um profundo sentimento de pertencimento à minha terra e identificação com as minhas raízes. Ele soube como ninguém expressar em sua poesia este forte apego e o chamado irresistível que a terra exerce sobre os seus filhos, trazendo-os de volta às suas raízes. Como diz sabiamente a minha amiga Carnaibana Vancide, "Quem bebeu da água do Pajeú, não se esquece, e sempre retorna à sua terra."

arnaíba possui uma rica herança cultural político-social, a qual tem inspirado muitos dos seus filhos. Em 1926, a cidade recebeu a famigerada e temida Coluna Prestes, um movimento político-militar que ocorreu no Brasil entre os anos de 1925 e 1927, liderado por Miguel Costa e Luís Carlos Prestes. O movimento tinha o objetivo de derrubar a República Velha, comandada pelas oli-

garquias paulistas e mineiras, conhecida como a "política do café com leite."

Anchieta Patriota conta que, à época, seu avô Dario Gomes Patriota, grande latifundiário, agricultor e criador da região, também foi visitado pelo grupo em sua fazenda Boqueirão. Embora existissem relatos de atos de violência por parte do grupo, Anchieta reporta que o grupo foi pacífico nesta ocasião, estando apenas à procura de alimentação, pedido prontamente atendido por seus ancestrais.

A história do cangaço, movimento social ocorrido no nordeste do país, também passa por Carnaíba, pois foi na Fazenda Colônia que nasceu o cangaceiro Manoel Baptista de Moraes, conhecido como Antônio Silvino, o qual foi, antes de Lampião, o mais famoso e temido chefe de cangaço. O cangaço surgiu como uma forma de protesto diante das injustiças sociais observadas nas regiões remotas do semiárido nordestino.

Estas regiões, devastadas pelas secas e pela pobreza, eram subjugadas ao poderio econômico dos latifundiários e coronéis. Eric Hobsbawm classifica o movimento como banditismo ou seja "uma forma bastante primitiva de protesto social organizado." Desta forma, Antonio Silvino é considerado por alguns historiadores como um cangaceiro que mais se aproxima a um "bandido social," e por isto considerado o "Robin Hood," pois tirava dos ricos e distribuía o que recolhia com os pobres.

Outra importante faceta da história social de Carnaíba é que suas terras abrigam quatro comunidades quilombolas: Abelha, Brejo de Dentro, Gameleira e Travessão do Caroá. Os habitantes destas comunidades rurais, uma população negra descendente de ex-escravos, tem um passado histórico que remonta ao período da escravidão no Brasil, quando negros fugitivos estabeleceram os quilombos. Um dos principais problemas enfrentados pelos quilombolas é a obtenção da

legalização de suas terras. Há registros da existência de mais de 400 comunidades quilombolas nacionalmente, que ainda aguardam regularização fundiária.

Ciente da necessidade de apoio a estas comunidades, a atual prefeitura de Carnaíba, cuida zelosamente de defender os direitos destes povos tradicionais, organizando encontros dos quilombolas de Carnaíba com representantes de relevantes órgãos governamentais para ouvirem as suas demandas, dentre as quais a legalização da demarcação de suas terras. A manutenção da cultura centenária dos quilombolas é também uma preocupação de líderes comunitários como Edna Andrade, a qual coordena ações que visam fortalecer e disseminar a cultura quilombola para as novas gerações. A Banda de Pífano Raízes do Caroá, o Grupo de Coco das Abelhas são exemplos de tais iniciativas.

No ano de 1959, meus pais decidiram deixar Carnaíba para viver numa cidade maior; entre outros motivos, estavam à procura de uma educação mais avançada para os seus filhos, uma vez que, naquela época, Carnaíba só oferecia o ensino primário. Para minha mãe Ismênia educação sempre foi a prioridade número um, sendo seu maior desejo ver todos os seus filhos formados.

À época, minha irmã mais velha Deodet, então com 15 anos de idade, após ter concluído a quinta série primária em Carnaíba, precisou ir ao Recife para prestar o Exame de Admissão, para assim cursar o ensino secundário. Deodet foi em seguida matriculada em regime interno no Colégio Imaculada Conceição. O restante da família começou então a se organizar para a partida; uma partida dolorosa, pois todos nós havíamos aprendido desde cedo a amar aquela terra.

Depois que tudo foi acertado, nossa casa foi vendida, assim como as mercearias, e um caminhão foi fretado para transportar a numerosa família e alguns pertences.

Os filhos mais velhos embarcaram na carroceria, juntamente com Regina que tomaria conta de todos. Na boleia do caminhão viajaram os gêmeos Daércio e Djaércio com minha mãe carregando em seus braços minha irmã D' Lourdes, com apenas três meses de idade.

O caminhão partiu levantando poeira no Largo da Boa Vista; minha avó, parada em frente à sua casa, embaixo de uma figueira, nos acenou adeus com lágrimas nos olhos....

7

MAR À VISTA

(1900 - 1990)



"Far-me-ás ver a vereda da vida; na tua presença há abundâncias de alegrias; à tua mão direita há delícias perpetuamente."

Salmo 16:11

Depois de uma curta permanência na cidade de Águas Belas, agreste pernambucano, onde nasceu minha irmã Dilma em 24/11/1960, seguimos viagem para a capital Recife no ano de 1962. À nossa espera estavam tio Expedito e a nossa avó Mãe Lourdes, já instalados no bairro do Engenho do Meio, na zona oeste da cidade. Inicialmente fixamos residência no mesmo bairro, mas logo depois a nossa casa foi vendida e mudamos para o bairro de Cordeiro, na rua Yone Sampaio, onde meu pai comprou uma casa e, ao lado, instalou uma mercearia, recomeçando assim a sua vida comercial em Recife.

Por alguns anos, o negócio caminhou bem. Minha mãe continuava a ajudar o meu pai na mercearia, embora agora já pudesse contar com a colaboração do meu irmão mais velho, Djalma, aliviando assim a carga de trabalho para os meus pais. Certo dia, logo cedo, como sempre faziam todos os dias, meus pais se dirigiram à mercearia para darem início aos trabalhos do dia.

Notaram inicialmente que as fechaduras tinham sido forçadas e, ao abrirem as portas, se depararam com uma triste realidade: tinham sido roubados. Os ladrões haviam levado grande parte do estoque e arruinaram o que deixaram, ficando tudo imprestável. Misturaram sacos de açúcar com farinha, arroz com milho, feijão esparramado pelo chão, além de terem roubado vários utensílios, balanças, caixa registradora e mobiliário. Enfim, foi a perda total, levando meu pai à falência.

A casa, bem como o que restou da mercearia, foi vendida e voltamos a morar no Engenho do Meio, desta vez na rua Francisco Bezerra Monteiro número 89, a mesma rua em que moravam nosso tio Expedito, sua família, e Mãe Lourdes. Era uma casa modesta de esquina, embora houvesse um arejado alpendre e um amplo quintal com muitas mangueiras, de onde colhíamos os mais doces e deliciosos frutos, e os mais novos brincavam no balanço pendurado nos seus galhos mais robustos.

As mangas eram motivo de brigas entre nós; aqueles mais afoitos subiam nas mangueiras e tiravam os frutos ainda verdes e escondiam o "tesouro" nos lugares mais secretos para amadurecerem. Cabia aos mais espertos descobrirem os esconderijos e, assim que as mangas amadureciam, as saboreavam às escondidas para o desespero dos "proprietários" que, ao procurarem os seus frutos, não os encontravam. Meu pai não fugia à regra: ficávamos de olho nele para descobrir onde ele enterrava a "botija do ouro."

No entanto, mangas à parte, o melhor de termos mudado para Recife, foi poder ver o mar pela primeira vez! Um momento mágico, inesquecível, que ficaria gravado em nossas memórias para sempre. A coisa mais linda deste mundo: uma infundável expansão de água salgada a perder de vista, confundia-se com a linha do horizonte. Tão diferente do Rio Pajeú! Enquanto lá as correntezas de água doce seguiam sempre num mesmo rumo, no mar as águas caminhavam em nossa direção, chegando até nossos pés, naquele infundável vai e vem de suas ondas.

Aos finais de semana íamos à praia de Boa Viagem; embora o bairro de Boa Viagem ficasse distante da nossa casa e precisássemos viajar de ônibus por quase uma hora para chegar até lá, isto não nos tirava a alegria ou a disposição de nos divertirmos. Ansiosos, logo ao chegarmos ao

terminal da linha, saltávamos imediatamente do ônibus e corríamos em direção ao mar para um mergulho refrescante em suas águas mornas, driblando as ondas e sentindo o gosto do sal nas nossas bocas.

Nosso tio Expedito, a quem chamávamos de Didito, havia-se casado com Nilce Pereira de Carvalho e desta união nasceram os nossos primos: Wellington, Maria de Lourdes, Waldelita, Expedito, Washington, Williams e Wladimir. A convivência com os nossos primos durante nossa infância foi muito feliz; podíamos dividir as mais variadas brincadeiras e juntos nos divertíamos imensamente. Nilce, Nicinha como a chamávamos, sempre foi um encanto de pessoa, muito carinhosa conosco, tratando-nos como se fôssemos filhos seus.

Cozinhava muito bem, e muitas vezes íamos para sua casa saborear um delicioso almoço. Sua especialidade era um bolo de manteiga que só ela sabia fazer; dizia que o segredo era usar a melhor manteiga, chamada “Turvo,” que não por coincidência, era também a mais cara. Intrigada, disse: “Mas Nicinha, aprendi no meu livro que “turvo” quer dizer enlameado... como a senhora usa isso no bolo?” Nicinha olhou para mim surpresa, sem entender bem de onde vinha aquela observação.

Estas recordações da minha infância me fazem rir, remontando aos meus bons tempos da escola primária; lembro que, ao final de cada lição do meu livro, havia um pequeno dicionário com o significado das palavras mais “difíceis” usadas na lição, as quais sempre tive curiosidade e interesse em aprender. Uma destas palavras era “turvo,” seguido pelo significado “enlameado,” “poliglota,” seguido de “pessoa que fala várias línguas,” e assim por diante, a cada lição existia aquela fonte da sabedoria, onde podíamos beber a água do conhecimento.

O melhor de tudo era à noite, quando a meninada toda se reunia, fazendo uma roda em torno de Nicinha, ela senta

da em uma cadeira e nós todos sentados no chão de pernas cruzadas, esperando que ela contasse as histórias, o que ela fazia como ninguém. Com sua voz mansa, suave, falava baixinho, compassadamente, sonoramente, como estivesse cantando uma cantiga de ninar. De olhos arregalados, ouvíamos as histórias que nos transportavam a países distantes, terras mágicas de reis, rainhas, príncipes e princesas, aguçando as nossas imaginações. Havia a história do Reino dos Sete Mares, que nunca esqueci, que embalou meus sonhos de criança e ainda hoje me encanta.

Ao lado da casa do seu filho Expedito e sua família, morava Mãe Lourdes. Era uma casa pequena, modesta, mais muito bem cuidada e decorada com seus objetos pessoais, que refletiam sua distinta personalidade. Seguindo os ensinamentos da sua mãe Philomena, também era católica fervorosa; havia quadros de santos ornando as paredes, um oratório com uma imagem da Virgem da Conceição, que era do nosso pai, e outras imagens dos seus santos devotos.

Aos sábados, rezava de cor o ofício da Imaculada Conceição, com minha irmã Deta, além de orações especiais para São Sebastião no dia 20 de Janeiro, data do seu aniversário, e que coincide com as celebrações e liturgia especial da igreja católica em homenagem ao Santo. Também era lembrado Santo Expedito, a quem ela dedicou seu filho, dando-lhe o seu nome.

Agora já viúva, prezava a companhia das minhas irmãs Deta e Deusdedit, as quais moraram com ela por algum tempo; contava também com o seu companheiro inseparável, um papagaio muito falante e enxerido. Minha avó, animada que era, gostava muito de cantar e dançava o coco; o louro cantava com ela e dançava, batendo suas asas ao ritmo da melodia. Também gostava de se meter nas conversas dos visitantes. Seu poleiro ficava embaixo de um jambeiro próximo da porta da cozinha e era uma atração para a criançada que, logo ao che-

garem à casa da minha avó, corriam direto para conversar com o louro.

Imitava também a voz das pessoas, se falassem alto, assim fazia o louro no mesmo volume. Como morava vizinho à família do meu tio, Mãe Lourdes muitas vezes chamava meu primo da porta da sua cozinha: "Ô Leto, vem cá," o louro ecoava o chamado, repetindo a sentença; e vice-versa, quando Nicinha chamava minha avó de longe "Ô Dona Lourdes," o louro estava lá para repetir, caso ela não tivesse escutado.

Foi nesta casa que nasceu minha irmã mais nova, a ponta de rama Dalvanete, no dia 24/10/1962, para assim completar os 14 filhos da minha mãe, 11 dos quais sobreviventes. Como aconteceu com os seus outros partos, este também fora em casa, auxiliado pela parteira Dona Darquinha, a qual era residente no Engenho do Meio, na mesma rua em que morávamos. Lembro vividamente a ocasião, à época com sete anos de idade, alarmada com o vai e vem da minha avó, da parteira e outros adultos, levando panos e bacias de água quente para o quarto onde estava minha mãe. Pressentindo que alguma coisa séria estava acontecendo, rezei em silêncio para que Deus salvasse minha mãe!

Atrelado à sua falência nos negócios, a saúde do nosso pai se agravou. Havia sido diagnosticado com câncer de próstata há algum tempo; à época iniciou seu tratamento, submetendo-se a uma cirurgia, a qual foi bem sucedida. No entanto, já não tinha mais condições de trabalhar, e sem a renda do seu negócio, passamos a ter sérias dificuldades financeiras. O que antes era mesa farta, boa fortuna, e uma vida confortável em Carnaíba, passou a ser uma luta diária pela sobrevivência.

Meu pai montou uma pequena garagem na nossa própria casa, onde alugava bicicletas e minha mãe, à semelhança da minha avó e bisavó, começou a receber encomendas de costura das suas clientes. No entanto, depois de algum tempo, o câncer reincidiu e meu pai foi novamente internado no

hospital para se submeter a outra cirurgia, mas desta vez não sobreviveu, falecendo no dia 04/09/1975.

Ficou assim minha mãe viúva, com 11 filhos para criar, alimentar e educar, sem nenhuma pensão deixada por seu marido, tendo como única fonte de renda as costuras que fazia. Começava assim a nossa batalha, todos os seus filhos precisariam trabalhar, a maioria deles ainda adolescentes, tanto para ajudar nas finanças da casa, como também custear seus próprios estudos.

Naquela época, nosso tio Expedito, já bem estabelecido no comércio, tinha uma excelente condição financeira e sempre nos apoiou, contribuindo principalmente com a nossa educação, que ele, como sua irmã, considerava de extrema importância. Minha mãe não mediu esforços para educar os seus filhos; dizia ela: "A educação é o bem mais precioso que um pai pode deixar para o seu filho, um tesouro que ninguém pode roubar."

Como Atena, Deusa guerreira da mitologia grega, minha mãe travou uma batalha sem tréguas pela nossa educação. No início de cada ano letivo, chegávamos da escola com uma extensa lista de livros e material escolar para serem providenciados pelos pais, além dos uniformes novos requeridos. Logo cedo, começava ela a sua peregrinação junto a políticos, educadores e quem mais pudesse ajudá-la, voltando com uma sacola repleta de livros, cadernos, canetas, régua, borrachas, enfim tudo que precisávamos para estudar.

Ficávamos felizes com os presentes; eu adorava o cheiro dos livros novos e os cadernos intactos, com muitas folhas brancas onde eu iria escrever tudo que eu aprendesse. Agora teríamos que encapar os cadernos e livros com papéis cartolina coloridos, para assim preservá-los em bom estado por todo o ano letivo.

A mensagem comunicada por ela era bem clara: "Pronto, tudo está aí para vocês estudarem, não quero nenhuma

desculpa para não passarem de ano. Se quiserem ser gente nessa vida, precisam estudar... essa é a única herança que vou deixar pra vocês." E assim, entendemos a mensagem desde muito cedo, de que este era o único caminho que tínhamos pela frente. Ela, por sua vez, fazia a sua parte, continuando a trabalhar arduamente como costureira, recebendo tantas encomendas que muitas vezes precisava varar a madrugada trabalhando.

Com isto, a situação das varizes das suas pernas, que já se mostravam tortuosas e dilatadas, agravou-se. Certo dia, estava ela sentada à sua máquina de costura, quando notamos que algumas varizes tinham estrangulado e o sangue estava escorrendo nas suas pernas; precisou urgentemente se submeter a uma cirurgia, conseguindo se recuperar, mas precisava diminuir a sua jornada de trabalho.

Irmã Francisca, nossa tia avó, também nos deu apoio nestes tempos difíceis, dividindo conosco algumas das doações que ela recebia em suas andanças pelo centro comercial do Recife. Tenho muitas lembranças dela, da época em que visitava a casa dos meus pais no Recife, quando éramos crianças. Quando avistávamos a sua figura inconfundível no começo da rua, usando seu tradicional hábito preto, era uma festa, pois sabíamos que ela traria presentes para todos.

Ainda guardo na memória o cheiro de um perfume que ela me deu quando ainda criança. Uma vez perguntei porque usava preto e ela me explicou: "Minha filha, preto representa a morte para o mundo, e o véu branco, a pureza." Minha irmã Deta, à época em que estava interna no Colégio Imaculada Conceição no Recife, teve bastante contato com ela, uma vez que o Colégio pertencia à Congregação das Irmãs Franciscanas, da qual Irmã Francisca fazia parte.

No centro comercial do Recife, Irmã Francisca era conhecida pelos grandes comerciantes e industriais, por suas visitas para pedir doações para o Colégio. A pé, visitava todas as

lojas, onde angariava recursos, medicamentos, materiais de limpeza e material escolar. No final de ano escrevia centenas de santinhos para serem distribuídos em agradecimento a todos os seus inúmeros doadores. Uma criatura maravilhosa, dócil e muito caridosa, uma vida inteira de dedicação a Cristo e ao trabalho filantrópico. Chegou a comemorar seus 50 anos de apostolado no Colégio Imaculada Conceição, ocasião em que estiveram presentes vários membros da família, incluindo o seu irmão Euclides e sua família.

Meu tio contraiu sua segunda união com Marluce Bezerra Patriota e deste enlace nasceram quatro filhos: Gildete, Emerson, Ismael e Patrícia. Rita, filha de Marluce do seu primeiro casamento, juntou-se aos irmãos formando assim uma família com cinco filhos. Marluce sempre nos recebeu muito bem em sua casa, onde conhecemos suas irmãs: Glória, Adelma e Darcy. Tinha carinho por todos os sobrinhos de Expedito, e sempre que íamos visitá-los, éramos recebidos com um belo almoço degustado na varanda da casa em Boa Viagem.

Foi Marluce quem me presenteou com uma cópia da primeira edição do livro do Padre Maciel, *Carnaíba - A Pérola do Pajeú*, que se tornou minha inspiração e importante fonte de pesquisa para o meu livro *Os Mais Belos Sonhos Sonhei*. Marluce tinha ascendência de uma família tradicional de Carnaíba, sendo seu avô o eminente Major Saturnino Bezerra, fundador da cidade e prefeito de Carnaíba por dois mandatos.

A adolescência significa para muitos tempo de divertimento, festas, amigos, e despreocupação, mas para nós significou, de certa forma, assumir a responsabilidade de pais de família. O nosso dia começava cedo para ir ao trabalho, alguns trabalharam como vendedores em lojas comerciais do Recife, como as Casas das Rendas, A Primavera, Mesbla, e Renner, outros na rede de supermercados Comprebem e Hompreço, como caixas nas lojas, ou na parte administrativa do escritório central.

Trabalhávamos tempo integral e ao final do dia de trabalho, por volta das 18h, pegávamos o ônibus para irmos para a escola, sem jantar, apenas com um pequeno lanche, voltando para casa entre 22h e 23h. Exaustos, comíamos o que havia na geladeira, às vezes só tomávamos um copo de leite, e logo íamos direto para cama, porque não tínhamos muitas horas para dormir, e tudo começaria de novo no dia seguinte.

Este foi o legado que nossa mãe nos deixou; nos ensinou desde muito cedo a sermos batalhadores, independentes, destemidos, prontos para enfrentar quaisquer situações, por mais difíceis que fossem. Seus ensinamentos: "Se cair, levante depressa sem chorar e siga em frente." "Se não souber alguma coisa, pergunte... Quem tem boca vai a Roma." A única coisa que ela não fazia era ser superprotetora, muito pelo contrário.

Antes de começarmos o nosso primeiro dia de trabalho, em média aos 15 anos, ainda não sabíamos andar no centro de Recife; ela nos levava de ônibus e mostrava o caminho da loja só uma vez, procurava um ponto de referência e dizia: "Tá vendo aquele cartaz ali? Quando passar, você entra na primeira rua à esquerda e anda até o final da rua que você encontra a loja." No dia seguinte, saíamos para trabalhar de olhos bem abertos para não perder de vista o cartaz, e rezando, porque se mudassem o cartaz de lugar, estávamos perdidos!

Foi com esta bagagem emocional, resultante dos ensinamentos da minha mãe, que anos mais tarde, consegui vencer o desafio de chegar à Inglaterra sozinha, transpor as dificuldades de me comunicar em outra língua, concluir um doutorado, e me estabelecer profissionalmente, ensinando e clinicando Odontologia. Tudo isto devo a ela, e assim também pensam todos os meus irmãos. Sentindo-se vitoriosa em seu objetivo maior de educar os seus filhos, sempre dizia ela com orgulho às suas amigas que todos os seus filhos estudaram e

se formaram nos mais diversos cursos de graduação e pós-graduação: Deodet formou-se em Pedagógico, depois Pedagogia, Deusdedit em Administração de Empresas, Dulcinete fez o Pedagógico, Divonete, Bibliotecomia, D' Lourdes, Comunicação Social/Relações Públicas, Dilma, formou-se em Direito e Dalvanete em Letras/Licenciatura em Português. Daércio fez Enfermagem e Djaércio Ciências Contábeis.

Minha avó Mãe Lourdes por muitos anos foi a matriarca da nossa família; seus filhos e numerosos netos orbitavam ao seu redor à procura de conselhos e conforto espiritual. Existia uma aura mística à sua volta, que sempre a acompanhava onde quer que estivesse. Uma figura poderosa, que com sua inteligência e os seus muitos anos de experiências vividas comandava respeito, admiração e um certo temor, porque acreditávamos que ela podia adivinhar o que estávamos pensando e até o nosso futuro! Com sua sensibilidade e perspicácia nata, tinha a ciência de ler o nosso futuro na palma das nossas mãos.

Lembro-me da ocasião quando, com grande ansiedade, pedi que ela lesse a minha mão. Adolescente que era, tinha imensa curiosidade de saber como seria meu futuro, o que iria acontecer: me casaria? teria filhos? iria viajar? Sentei-me ao seu lado ansiosa, meio trêmula, temendo que as respostas não correspondessem à minha expectativa, e um futuro sombrio me esperasse. Mãe Lourdes pediu-me que estendesse a minha mão com a palma a vista, segurando-a firmemente, ao mesmo tempo em que mantinha contato visual, sondava o que se passava na minha mente.

Com seus reluzentes olhos azuis, perscrutou minuciosamente e demoradamente as linhas da minha mão e os meus dedos. Seguiu-se um silêncio de alguns segundos, uma pausa que para mim durou uma eternidade, enquanto interpretava o que havia visto: "Sua linha da vida mostra que terá vida longa, com algumas complicações, mas boa, vai ter dinheiro

e viajar muito. Vai casar e ter dois filhos." Saí satisfeita e respirei aliviada, afinal, com exceção de algumas complicações, parecia que minha vida seria boa.

A quiromancia ou leitura das linhas das mãos é considerada uma pseudociência, ou seja não possui um forte embasamento científico, mas a crença de que seja possível a adivinhação baseada na interpretação das linhas da palma da mão e do formato dos dedos é reconhecida desde longas datas. Sabe-se que a quiromancia originou-se na Índia há pelo menos cinco mil anos e desde então essa prática disseminou-se em inúmeros países.

Muitos acreditam que a interpretação das linhas da palma das mãos revela emoções e traços psicológicos de um indivíduo. Da mesma forma, existe o reconhecimento de que algumas pessoas possuem o dom e um aguçado senso perceptivo, e até mesmo poderes sobrenaturais, e desta forma são capazes de perscrutar o caráter das pessoas e até prever o seu passado e futuro.

Mãe Lourdes também era rezadeira, uma prática que tem um forte embasamento religioso, e cumpre um papel importante na manutenção dos costumes e tradições populares. As rezadeiras utilizam-se de rezas, geralmente recitadas em voz alta, e rituais para curar males do corpo e da mente, devolvendo assim equilíbrio emocional e físico àqueles que necessitam. São associadas ao catolicismo popular, embora seu objetivo não seja religioso e sim terapêutico.

Atuando frequentemente em áreas rurais, as pessoas que as procuram, na maioria das vezes o fazem devido a dificuldades de acesso a médicos, ou por fatores culturais e tradição familiar. Quando minha mãe deu à luz seus 14 filhos, todos em casa, sempre contou com a forte oração das rezadeiras, pois muitas delas também eram parteiras.

Quando um dos netos aparecia em sua casa demonstrando falta de apetite e indisposição, Mãe Lourdes inspecionava

o "paciente" e sem pestanejar dizia: "Isso é mal olhado, você precisa de reza, meu filho." Fazia o neto sentar em uma cadeira, e se posicionando à sua frente, começava a rezar, segurando ramos de manjerição em sua mão. Recitava as rezas, ao mesmo tempo em que, com movimentos cadenciados, batia os ramos na cabeça e nos ombros do consulente, seguindo um ritual pre-estabelecido. E ao final concluía "É Deus quem cura, não sou eu, você precisa ter fé, senão não fica bom." Muitas vezes perguntei com quem ela aprendeu a rezar. "É um dom minha filha, dado por Deus, não se aprende, mas assisti minha mãe rezando nas pessoas." Era como uma espécie de mágica, um mistério que ela nunca ensinou a ninguém.

No ano de 1986, eu estava morando em São Paulo, cursando o meu mestrado na USP. Nas férias da Faculdade, costumava ir ao Recife para visitar a minha família. Numa destas visitas ficou claro que minha mãe não estava bem de saúde, sentia fortes dores no braço e andava com passos mais lentos e arrastados; os médicos discutiam a possibilidade de ser doença de Parkinson. Combinei então com ela que a levaria para São Paulo, onde se consultaria com um dos melhores neurologistas do país. Sempre viajava de avião, mas desta vez, para ficar mais fácil para ela, resolvi a levar no meu carro, dirigindo sozinha o percurso de 3.000 km do Recife até São Paulo.

Após a consulta, o neurologista confirmou, para nossa tristeza, o diagnóstico de Parkinson, embora tenha dito que a medicação ajustada que prescreveria, aliada à fisioterapia, aliviaria e retardaria os sintomas. Voltamos para Recife e minha mãe começou o seu tratamento. Mais tarde, mudei-me para a Inglaterra para estudar e terminei me casando com um inglês chamado John Doddrell, passando a morar definitivamente em Londres. Foi difícil ficar longe da minha mãe, principalmente depois da sua doença, meu único consolo era que as minhas irmãs cuidavam dela muito bem, e todos os anos a visitava no Recife durante as minhas férias de trabalho.

Logo depois do nosso casamento, John me acompanhou na viagem ao Recife, muito feliz em poder conhecer a minha numerosa família. Minha mãe, embora com dificuldades na fala, conseguiu articular algumas palavras; abraçou-o e deu um cheiro na sua cabeça dizendo: "Você tem uma cabeça cheirosa e é muito inteligente...sabe dizer o nome de todos os meus filhos." Pronto, John havia conquistado o seu coração e, embora sem falar Português naquela época, conseguiu decorar os 11 nomes, todos começando com a letra "D," para assim poder dizer alguma coisa que alegrasse sua sogra.

Com o tempo, os sintomas da doença de Parkinson se agravaram e gradativamente a debilitaram; estava agora dependente da cadeira de rodas e falava com muita dificuldade. Estávamos no ano de 1993; fui me despedir da minha mãe antes da minha viagem de volta a Londres e pedir a sua bênção, como sempre fazia. Ela me deu uma florzinha branca de jasmim muito perfumada e me disse: "Que Deus lhe abençoe minha filha e ilumine o seu caminho... Boa viagem." Tinha a autoridade espiritual e me senti realmente abençoada por Deus. Aprendemos que os pais têm o poder divino de abençoar os seus filhos, como está escrito no livro Eclesiástico:

"Honra teu pai por teus atos, tuas palavras, tua paciência,
A fim de que ele te dê a sua bênção, e que esta permaneça em ti
até o teu último dia."

Esta foi a última bênção que recebi da minha mãe.

8

TRÊS MULHERES, TRÊS GERAÇÕES, UM SÓ LEGADO

8

Depois de dez longas horas de voo, incluindo o trajeto Londres-Lisboa e a travessia do Oceano Atlântico, um anúncio ecoou no alto-falante da aeronave, resgatando os passageiros do marasmo em que se encontravam, todos ansiosos por chegarem ao seu destino final. "Senhores passageiros, em poucos minutos iniciaremos os procedimentos de descida para aterrissagem no Aeroporto Internacional dos Guararapes," anunciou o piloto, fazendo meu coração bater mais forte. Apesar de ter feito este voo incontáveis vezes durante estes meus 30 anos vivendo na Inglaterra, meu coração sempre bate forte, como se fosse a minha primeira vez, em ansiosa expectativa de pisar novamente na minha terra, no meu país.

Fechei os olhos por um momento, deixando a minha mente divagar e flutuar nas lembranças destes 30 anos passados. A cada ano que visitava Recife, a família estava cada vez maior, mais um novo membro ainda por ser apresentado; os meus dez irmãos, todos casados, haviam constituído suas próprias famílias. Da última vez que contei, existiam mais de 15 sobrinhos nascidos e alguns destes já haviam gerado seus próprios filhos. Acompanhei o crescimento deles de longe, muitas vezes trazendo o presente errado para um sobrinho que achava ainda uma criança, mas ao chegar me deparava com um adolescente.

Observara ao longo dos anos os rostos dos meus irmãos amadurecendo, seus ritmos de trabalho desacelerando, muitos já aposentados; alguns deles haviam se tornado avós. Pensei na menina Philomena, nossa bisavô, embarcando num navio na Ilha da Madeira no final do século XIX, rumo ao Brasil; como ficaria orgulhosa do gigantesco número de descendentes, netos, bisnetos, trinotos e tataranetos, advindos da sua progênie. Ficaria talvez surpresa com o fato de que, ao fixar residência na Europa, fiz o caminho inverso que ela fez, deixando a Europa para viver no Brasil. Sua filha Maria de

Lourdes e sua neta Ismênia haviam partido, mas seu imenso legado e seus ensinamentos perduraram, enriquecendo nossa existência...

Uma mão gentilmente tocou no meu ombro, trazendo-me de volta das minhas reminiscências. Abri os meus olhos e me deparei com uma elegante aeromoça usando seu impecável uniforme verde e rosa claro, rosto bem maquilado e os cabelos cuidadosamente presos em um coque.

"Senhora, estamos nos preparando para o pouso, por favor coloque seu cinto de segurança e a sua cadeira na posição vertical," disse ela, inclinando sua cabeça em minha direção.

Levantei a ventarola da janela, e pude visualizar o espetáculo luminoso que se descortinava aos meus pés: um mar de minúsculas luzes cintilavam como vagalumes clareando uma imensa floresta negra. À proporção que o avião perdia altura, aproximando-se da pista de pouso, consegui distinguir mais claramente as características da cidade; reconheci a Avenida Recife, como um longo corredor mapeado pelas luzes dos postes enfileirados a cada lado da pista, à semelhança de soldados em posição de sentido; discernia os arranha-céus da praia de Boa Viagem surgindo a distancia, o mar escuro era indistinguível, apenas os facho de luz dos holofotes iluminavam o contorno da beira-mar. Finalmente havia chegado!

Quando estou no Recife, destino a maior parte do meu tempo à minha família, em particular às minhas irmãs; dos 11 filhos de Dona Ismênia, restam no presente suas oito filhas. Sempre marcamos encontros para almoçarmos juntas, quando então temos a oportunidade de dividir as nossas experiências e reminiscências da nossa mocidade. Rimos e choramos juntas, relembando nosso passado comum; são momentos preciosos, em que mergulhamos nos ensinamentos da nossa mãe, e através dela, nossa avó e bisavó, e no impacto deixado por estes ensinamentos em cada uma de nós.

Herdamos o mesmo sangue e o mesmo DNA, e como tal somos muito parecidas fisicamente; pele morena em diferentes tonalidades, algumas mais claras, outras mais escuras, e alturas semelhantes. Alguns amigos brincam que somos quase cópias xerox uma da outra, enquanto outras pessoas confundem a nossa identidade na rua. Nossas personalidades, no entanto, não poderiam ser mais dissemelhantes, cada qual com suas distintas peculiaridades.

A mais velha Deodet (Deta) é centrada, equilibrada emocionalmente; pondera e analisa cuidadosamente os fatos antes de emitir sua opinião imparcial. Deusdedit é muito alegre, extrovertida, interpreta a vida de uma forma leve, descontraída, quase inocente, sempre nos faz rir com a sua visão simplificada e bem-humorada dos acontecimentos. Dulcinete (Dulce) é forte física e emocionalmente, resiliente, encara as dificuldades com coragem e persistência, chegando sempre a uma solução dos seus problemas. Divonete (Diva), por sua vez, é a mais calma das irmãs, comedida, muito cuidadosa com a sua saúde, leva uma vida regrada, agindo com moderação e sensatez.

D' Lourdes (Mana) irradia uma alegria interior, contagiante aos que estão à sua volta; tem um alto-astrol que lhe é peculiar em seu modo descontraído e descomplicado, demonstrando sempre gratidão por sua vida. Dilma emana energia, dinamismo e vigor, ama a vida, vivendo cada dia intensamente; alegre e sociável, faz amigos com muita facilidade. Dalvanete (Dalva) é a nossa irmã caçula, por quem temos grande carinho, e de certa forma, por sermos mais velhas, temos uma atitude protetora em relação a ela. Tem uma personalidade cativante, e em sua profissão de professora é muito querida pelos seus alunos e colegas.

Independentemente de as nossas personalidades serem tão diferentes, como também serem distintos os caminhos que escolhemos para trilhar as nossas vidas, reconhece

mos, em uníssono, que o rico legado deixado pela nossa mãe teve um papel fundamental em moldar o nosso caráter, os nossos valores e a nossa forma de interpretar a vida.

Estas três mulheres, nossas três mães – Mãe Memena, Mãe Lourdes e Mãe Ismênia, viveram uma vida dura e de lutas para criarem os filhos, sendo mulheres extremamente corajosas, para nós um exemplo vivo em que pudemos nos espelhar. Três mães, três gerações, embora tenham vivido em tempos diferentes e tido experiências distintas, compartilharam dos mesmos ideais, deixando um mesmo legado aos seus descendentes. Possuíam todas elas uma personalidade forte, e com determinação, resiliência e coragem ensinaram os seus filhos a serem destemidos e fortes para enfrentarem as vicissitudes da vida.

Para estas mulheres a educação de seus filhos sempre foi a prioridade número um. É interessante notar que tanto a minha bisavó, quanto minha avó e minha mãe Ismênia, todas costuraram profissionalmente para ganhar a vida e criar os filhos. Minha mãe, no entanto, não quis passar o ofício para as suas filhas. Muitas vezes pedi a ela para aprender a costurar, e ela respondia “Não, não quero filha minha costurando, quero que todas sejam doutoras.”

Minha mãe, mais do que ninguém, foi aquela que travou uma verdadeira batalha para que seus filhos estudassem, enfrentando todas as dificuldades financeiras pelas quais passamos. Antes de partir desta vida, nossa mãe sentiu-se realizada e teve a felicidade de ver este seu sonho realizado. Falava com orgulho que seus filhos eram inteligentes e todos se formaram, exercendo com sucesso as mais diversas atividades profissionais.

Na versão em inglês do meu livro de memórias *I Dreamt the Sweetest Dreams*, publicado na Inglaterra em 2019, citei que acompanhei pelo canal de televisão BBC um discurso do então primeiro ministro britânico Tony Blair, no qual ele

ênfatizava o tema "Educação, Educação e Educação" como as principais prioridades do seu governo. Quando ouvi o seu discurso, não pude deixar de pensar na visão de minha mãe que, apesar do seu pouco estudo, instilou em nós, desde a mais tenra idade, a mesma mensagem e com a mesma ênfase. Foi o lema que tem guiado a minha vida.

Patriotismo e o interesse por assuntos políticos também figuram como uma herança deixada por nossos ancestrais. Acredito que a educação e a democracia andam lado a lado. Ao longo dos muitos anos vividos no Reino Unido, pude testemunhar a excelente qualidade de vida, saúde e educação de que gozam todos os seus cidadãos. Quando volto ao Brasil, trago comigo uma nova visão, adquiro uma nova perspectiva, e isso me torna, mais do que antes, consciente das privações e disparidades socio-econômicas encontradas em nosso país. Acredito que caiba ao poder público e às lideranças políticas reverter esta situação, oferecendo uma educação gratuita de alto nível a todos os cidadãos brasileiros, em prol de uma sociedade mais justa e igualitária.

No passado tivemos um influente político na nossa família; chamava-se Tenório Cavalcanti, conhecido por seu estilo destemido de fazer reivindicações políticas. Ficou famoso nacionalmente após ter sido tema do premiado filme *O Homem da Capa Preta*, estrelado pelo ator José Wilker, e dirigido por Sérgio Rezende em 1986. Sérgio declarou ter sido inspirado pela vida de Tenório Cavalcanti, escolhendo-o como tema do seu filme, por ser ele "um vencedor, emigrando do Sertão alagoano para a Baixada Fluminense ainda muito jovem, e em vinte anos, transformar-se em um homem muito poderoso que consegue mover uma parte do mundo."

Corajoso e determinado, Tenório conseguiu vencer os obstáculos financeiros e se tornar bacharel em Direito, tendo sido eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro, em três mandatos consecutivos pela legenda da União Democrática Na-

cional (UDN). Nas eleições de 1954 e 1958, foi reeleito com a maior votação do Estado do Rio de Janeiro. Muito popular em Duque de Caxias e áreas vizinhas da Baixada Fluminense, defendeu veementemente os direitos dos seus eleitores, a maioria deles nordestinos que emigraram para o Rio de Janeiro à procura de uma vida melhor. Depois de se afastar da política, dedicou-se à causa filantrópica criando a Fundação São José e o Colégio Maria nos quais mantinha "um conjunto habitacional com cerca de dez mil pessoas, com aluguéis baratos, uma escola para cinco mil crianças e vários cursos profissionalizantes."

Carregamos conosco não somente o sangue e o DNA dos nossos ancestrais, mas também o nome da família. Certa vez, durante meus tempos de estudante na Europa, visitei Madri como turista. Ao me hospedar em uma pousada nos arredores da cidade, precisei preencher uma ficha com meus dados pessoais; o dono do estabelecimento examinou a minha ficha demoradamente, se debruçou no balcão e me olhando disse: "Vejo que seu nome é Tenório. Você sabe que Tenório é um nome conhecido aqui, foi um herói nacional, um homem forte reconhecido por sua bravura." Achei interessante o fato de ser reconhecida pelas memórias dos meus ancestrais e pelas impressões deixadas por eles em outras pessoas ou mesmo na sociedade.

Senti a dimensão que o nome de família pode ter e a importância de pertencer, de ter raízes, de fazer parte de uma história. A magnitude deste legado assume proporções cruciais quando deixamos a nossa terra natal, o lugar a que pertencemos para viver no exterior, como foi o meu caso. Não posso negar o enorme benefício e o enriquecimento pessoal que isto pode trazer, a oportunidade de conhecer outra cultura, vivenciar outras perspectivas e alargar os horizontes.

No entanto, para que possamos desfrutar desta nova perspectiva, faz-se necessário primeiro pertencer à sua pró-

pria terra, ter raízes e só assim tornar-se forte. A árvore precisa ter raízes profundas fixadas à sua terra, para não ser arrancada quando o primeiro vento forte soprar balançando sua copa. Quando, numa roda de amigos ingleses, alguém observa que falo de uma forma diferente e, denotando que não sou inglesa, pergunta minha origem, ou algumas vezes quando não entendo bem uma piada, ou desconheço algo inerente à cultura do país e que somente os nativos saberiam, nada disso me abala, pois conheço a minha identidade, sei quem eu sou e onde pertenço: "sou brasileira, sou nordestina, sou sertaneja, e com muito orgulho!"

A religiosidade e a fé católica uniram nossas ancestrais e formaram o esteio moral no qual os seus ensinamentos foram alicerçados, e estes moldaram o nosso caráter. A partir desta herança religiosa, aprendemos a rezar e a buscar a sabedoria divina, nosso porto seguro e a força espiritual interior que nos move e nos encoraja a enfrentar os desafios que esta vida oferece. Este legado recebido, passamos por sua vez aos nossos filhos e netos, uma sabedoria que só o poder Divino pode oferecer.

A tua palavra é lâmpada
que ilumina os meus passos
e luz que clareia o meu caminho.

Salmo 119:105

Muitos dos membros da nossa família herdaram de nossas mães o gosto pela poesia. Assim como Mãe Meme e Mãe Lourdes, nossa mãe Ismênia adorava recitar poemas e orações, as quais ela fazia de cor. Tenho recordações vívidas de quando minha mãe recitava o seguinte poema, o qual ela sempre fazia em ocasiões especiais.

"Se não fosse a alegria que me invade a alma/Não vos pediria permissão para dizer-te o que sente o meu coração/Muito embora as minhas palavras sejam toldadas pelo resíduo de impuridade linguística/É hoje um grande dia para nós comemorarmos/ Que uma nova estrada da vida se abra a seus pés/ E comungando de vossa alegria, desejamos-lhe muitas alegrias e paz/ Que sejam pródigas de benções celestiais, para ti, e para reparti-las com teus pais."

Como sempre faço quando venho ao Recife, fico hospedada em Boa Viagem, de onde faço minhas caminhadas diariamente pela praia para exercitar, refletir, e revigorar o espírito. Ainda cedo pela manhã, quando o sol ainda não está quente e o vento ainda sopra uma brisa fresca, gosto de andar de pés descalços à beira-mar, sentindo o efeito calmante da água banhando os meus pés. Paira no ar a fragrância salgada do mar, trazendo à minha mente imagens evocativas da minha infância, quando brincava com meus irmãos fazendo castelos de areia e tomando banho nas águas mornas, sentindo o cheiro do sal na minha pele.

O céu pintado de um intenso azul resplandecente exibe nuvens alvíssimas que dançam ao sabor do vento. Ao ouvir o murmúrio suave das ondas indo e vindo, penso que elas querem dizer que a vida não é estática, mas um continuum de idas e vindas, começos e fins, passados e futuros.

Reflico sobre o meu passado, minhas idas e vindas, minha infância, minha juventude, nos anos difíceis em que, junto aos meus irmãos, precisamos lutar, trabalhar arduamente para sobreviver e nos formar. Penso nos ensinamentos da nossa mãe... Uma pergunta me vem à mente: como teria sido as nossas vidas se tivéssemos tido uma adolescência menos sacrificada, em que não precisássemos trabalhar tão cedo, se tivéssemos tido pais que pudessem ter custeado os nossos estudos e nos ter oferecido bons presen-

tes e férias para passear. Que tipo de pessoa seríamos hoje? Seríamos pessoas melhores? Valeu a pena todo o sacrifício, os dias longos de trabalho e as noites curtas de descanso?

Sim, respondeu o vento soprando aos meus ouvidos. Sim, valeu a pena, emergimos de tudo isso pessoas mais fortes e melhores, prontas para enfrentar as vicissitudes da vida, tudo de acordo com a herança recebida dos nossos ancestrais. Sim, somos o resultado das nossas Raízes Sertanejas!

VOZES DO MAR*

Por Dilsa Tenório

Canta uma cantiga de ninar para me embalar e assim adormecer na fluidez dos seus braços, no aconchego do teu colo.

Canta o lamento de um canto Gregoriano, pelo amor que se foi, pela pétala que caiu, pelo tempo que passou.

Canta um acalento, um murmúrio, que seja bálsamo para as minhas feridas, refrigério para o meu espírito.

Enxuga as minhas lágrimas, misturando-as à imensidão das tuas águas, minhas dores assim diluídas em partículas infinitesimais.

Canta uma cantiga de roda pra me alegrar, trazendo o sol em tuas mãos para alumiar o meu dia, aquecer o meu espírito, encher de contentamento o meu coração.

Traze contigo o cheiro de mar salgado pra me inebriar, embriagar, extasiar.

Um canto que eu possa dançar na cadência das tuas ondas, no balançar do teu corpo.

Canta, canta, canta e não cesses de cantar, qualquer que seja o teu canto, qualquer que seja o teu tempo: Allegro, Andante ou Adágio, mas não deixes de cantar.

Tudo é melhor que o vazio indiferente do silêncio frio e do abandono.

l'ica comigo, não me desampares, abriga-me nas profundezas dos teus mares.

(Que seu último canto seja meu Réquiem, e em tuas águas repouse eternamente.

* Minhas caminhadas à beira-mar me inspiraram para escrever este poema, que dedico à minha mãe Ismênia Tenório da Silva.



Nossos pais **Ismênia Tenório da Silva** e **Miguel José da Silva**. Casados em 1942, Ismênia logo engravidou e, com apenas 16 anos, deu à luz sua primeira filha Deodet em 1944 e, a partir daí nasceram outros 13 filhos.



Carnaíba, ano 1948. O casal Ismênia e Miguel, à época com três filhos: Djalma no colo do nosso pai, Deusdedet e Deodet ao lado da nossa mãe.



Carnaíba, ano 1956. Nossa mãe Ismênia (à esquerda), à época já com seis filhos, grávida dos nossos Irmãos gêmeos Djaércio e Daércio. A partir da esquerda (em pé) os filhos: Deodet, Deusdedet e Djalma. Sentados: Dulcinete, Divonete e Dlísa, usando um gracioso laço na cabeça. Nossa Inesquecível Regina (à direita), que cuidou com muito carinho de todos nós quando crianças.



Casa em que moramos em Carnaíba nos anos 40 e 50, localizada no então Largo da Boa Vista.



Adjacente a nossa casa, ficavam as mercearias e armazéns dos nossos pais, ocupando todo o quarteirão no Largo da Boa Vista. Lá trabalhavam arduamente para sustentar sua numerosa família.



Mãe Cotia, como a conhecíamos. Na ausência de médicos e hospitais naquela época, meus irmãos e muitos outros Carnaibanos, vieram ao mundo pelas mãos da parteira Mãe Cotia, uma mulher altiva, atenta aos detalhes e asseada, desempenhando com eficiência este papel tão fundamental para a comunidade.



Carnaíba, ano 1959, a família reunida por ocasião do batizado da nossa irmã Maria de Lourdes. A partir da esquerda, nosso pai Miguel, mãe Ismênia e avó Maria de Lourdes. À época, o casal contava com nove filhos. Poucos meses depois a família deixaria Carnaíba para morar definitivamente no Recife.



Igreja Matriz de Santo Antônio e São João Maria Vianney, em Carnaíba. A fé católica era nosso esteio e guiava nossas vidas e, como tal, todos os domingos íamos à igreja para assistir à missa. Ao fundo, a Praça Nossa Senhora de Lourdes, antigo Largo da Boa Vista, onde ficavam situadas a nossa casa e as mercearias. Lá ainda ecoam as nossas risadas enquanto brincávamos em frente à nossa casa quando crianças.



Nossa mãe **Ismênia** foi uma mulher forte, inteligente e de personalidade marcante. Seus perspicazes olhos, de um tom castanho claro, mostrava determinação e ideais próprias. Dona de uma energia invejável, ativa e perfeccionista, trabalhou arduamente para criar, alimentar e educar seus 14 filhos. Recife, 1983.



Nossa avó Maria de Lourdes (à esquerda) com nossa mãe Ismênia. Por muitos anos Mãe Lourdes foi a matriarca da nossa família; seus filhos e numerosos netos orbitavam ao seu redor à procura de conselhos e conforto espiritual. Com sua sensibilidade e perspicácia nata, tinha a ciência de ler o nosso futuro na palma das nossas mãos. Recife, 1983.



Ao meu lado, nosso tio Expedito Tenório de Oliveira, Didito, como carinhosamente o conhecíamos, único irmão da nossa mãe, no dia da minha formatura. Nascido no dia 5 de fevereiro de 1932, era muito inteligente, tornando-se um empresário bem sucedido, sempre nos apoiou nos tempos difíceis, contribuindo principalmente com a nossa educação. Recife, 1978.



Com minha mãe Ismênia no dia da minha formatura em Odontologia, Faculdade de Odontologia de Pernambuco. Estava radiante na ocasião, sentindo-se vitoriosa em seu objetivo maior de educar os seus filhos. Como Atena, Deusa guerreira da mitologia grega, nossa mãe travou uma batalha sem tréguas pela nossa educação, enfrentando todas as dificuldades financeiras pelas quais passamos. Recife, 1978



Dos 14 filhos do casal Ismênia e Miguel, somos atualmente oito filhas remanescentes: A partir da esquerda: Dilma, Lourdes, Dilsa, Dalva, Deusdedit, Deodet, Dulcinete e Divonete.

Retornei a Carnaíba, depois de longos anos de ausência, em busca de inspiração para escrever *Raízes Sertanejas*. Precisava pisar novamente no solo da minha terra natal, sentir o cheiro das ruas, o calor do sol aquecendo a minha pele e trazendo leveza ao meu espírito. Andei pela rua em que morávamos quando crianças; a casa e as mercearias que pertenceram aos meus pais ainda se encontram intactas, mesmo depois de 60 anos de ausência. Lá minha família viveu dias de alegria e fortuna, mas também perdas e lamentações; ainda ecoam as risadas dos meus irmãos enquanto brincávamos em frente à nossa casa no Largo da Boa Vista, hoje Praça Nossa Senhora de Lourdes.

Ainda na mesma praça, pertinho da gruta Nossa Senhora de Lourdes, encontra-se a casa que pertenceu aos meus avós; detive-me por um momento à sombra de uma figueira em frente à casa, de onde pude apreciar a arquitetura simples e harmoniosa da sua fachada. Fiquei imaginando quantos sonhos, quantos dissabores, quantos segredos testemunharam as paredes silenciosas daquela casa. Do outro lado da rua, sentada em sua cadeira de balanço, Dona Carminha tudo observava da calçada da sua casa.

Juntei-me a ela e começamos a conversar, enquanto desfrutávamos da brisa fresca daquele final de tarde. Dona Carminha, uma das afilhadas da minha avó Lourdes, falou carinhosamente sobre ela. Contou-me que dali da sua casa ouvia minha avó cantarolando enquanto passava suas roupas com o ferro de brasa, interrompendo a cantoria apenas para soprar a brasa, que incandescia, renovada de um vermelho intenso a cada intermitente sopro.

Visitei também a belíssima igreja Matriz de Santo Antônio e São João Vianney onde, juntamente com as minhas irmãs, assistimos à missa dominical. Sentadas naqueles bancos que foram usados por nossa família mais de 70 anos atrás, emocionamo-nos ao olhar para o teto, para a arqui-

tetura do seu interior, suas imponentes pilastras, o altar, os ícones e os símbolos sagrados da liturgia católica, sentindo o aroma do incenso disperso no ar. A maioria dos meus irmãos foram batizados nessa igreja; posso até imaginar meus pais chegando com ar solene, vestindo suas melhores roupas, juntamente com os padrinhos igualmente bem vestidos para a cerimônia especial, imbuídos da sua responsabilidade de acompanhar o crescimento espiritual do seu afilhado na fé cristã.

Ainda durante a minha visita a Carnaíba entrevistei diversas mulheres sertanejas das mais variadas faixas etárias, profissões e interesses, mulheres do campo e da cidade. Tendo deixado Carnaíba ainda criança, busquei interagir e absorver as experiências vividas por essas mulheres da minha geração que continuaram vivendo no sertão.

Deixo aqui os meus mais sinceros agradecimentos a estas mulheres por dividirem comigo suas histórias de vida: Alba Cleide Alves de Queiroz Santos, Kátia dos Santos Silva, Edjamilda Lucia Bezerra Santos, Elizangela Keyliane Bezerra da Silva, Ana Maria Almeida Reis Vicente, Beatriz Eduarda Lima Santos (Bia), Maria do Carmo dos Santos, Maria das Graças da Silva, Mariza Salvador Queiroz, Angelita Miguel da Silva (prima Biró), Maria do Carmo Leandro Reis (D. Carminha), Vancide Silvia de Queiroz, Maria do Carmo dos Santos (Neném Geraldo).

Constatai que muitos dos obstáculos e batalhas travadas por elas foram as mesmas enfrentadas pelas minha mãe, avó e bisavó ao longo dos anos. Na história de vida destas mulheres fortes e guerreiras encontrei inspiração para *Raízes Sertanejas*. À semelhança das minhas antepassadas, essas mulheres contemporâneas lutaram e ainda lutam para vencerem os desafios de serem mulheres e sertanejas. As lágrimas derramadas, as batalhas travadas, os sucessos e os fracassos são os mesmos que afligiam e ainda afligem essas

mulheres, sejam elas trabalhadoras rurais ou urbanas, domésticas, funcionárias públicas ou empresárias.

Seus depoimentos revelaram o mesmo atributo: o de serem mulheres fortes, destemidas, enfrentando, em muitos casos, uma jornada dupla ou tripla de trabalho. São o esteio do núcleo familiar, o porto seguro da família e da comunidade, a Célula Mater da sociedade. Ali, naquele núcleo familiar, ela tece uma teia de ensinamentos na qual os seus filhos se ancoram, forjam e desenvolvem sua personalidade própria, transmitem os seus genes e sua fibra.

Ouvi e me emocionei com as histórias extraordinárias contadas por essas sertanejas contemporâneas. Constatei que um dos maiores obstáculos enfrentados por estas mulheres foi o acesso ou, muitas vezes, a negação ao direito à educação. Assim aconteceu com Maria das Graças da Silva, que em seu depoimento comovente testemunhou um exemplo vivo desta realidade. Num final de tarde, quando o sol já havia abrandado, visitei Maria das Graças em sua casa no Sítio Capim Grosso, zona rural de Carnaíba, onde mora com o seu marido.

Muito simpática, recebeu-me carinhosamente, convidando-me para sentar-me em sua arejada varanda, de onde podíamos apreciar suas plantações. Nascida em 1952, contou-me que, ainda menina, já ouvia que "mulher não era pra estudar, pra não escrever cartas pro namorado," e ainda muito jovem, quando encontrou um pretendente, foi obrigada a escolher entre casar ou estudar. Movida pelas circunstâncias foi levada a escolher o casamento.

O tempo passou, os filhos nasceram e cresceram, mas o seu desejo de estudar continuava perene em sua mente. "Eu tinha um sonho de um dia poder estudar," declarou Maria das Graças, porém esse seu sonho só foi realizado aos 64 anos, quando finalmente teve condições de voltar a estudar. Maria das Graças foi até a sua sala e voltou trazendo orgu-

lhosamente em suas mãos o diploma emoldurado de conclusão do ensino médio. Contou-me que havia se matriculado em um programa educacional para adultos e com muita dedicação aos estudos superou todas as dificuldades para realizar este seu sonho acalentado por mais de 50 anos!

Naturalmente tive bastante interesse em conhecer melhor este magnífico projeto que cria oportunidades e abre horizontes para a população rural, população esta caracterizada historicamente por altos índices de analfabetismo. Cecília Maria Peçanha Esteves Patriota, atual Secretária de Educação de Carnaíba, gentilmente concordou em elucidar minhas dúvidas. Esclareceu-me que Maria das Graças, assim como muitos outros jovens e adultos que não tiveram oportunidade de acesso à escola, ou que não conseguiram concluir os seus estudos, foi beneficiada pelo projeto EJA Campo, implementado pela prefeitura.

O projeto oferece não somente a alfabetização, como também engloba todas as fases do ensino fundamental, culminando com a conclusão do ensino médio. "Este é o grande diferencial do projeto EJA Campo. O desafio é garantir a continuidade aos estudos para esse público, pois projetos de alfabetização sempre existiram," declarou Cecília. Explicou ainda que, caso não haja acompanhamento e continuidade ao processo educacional, o alfabetizado logo retrocede, esquecendo o que aprendeu. Esta é uma das razões pelas quais os índices de analfabetismo ainda continuam altos em algumas regiões do país.

Em depoimentos de outras entrevistadas, a educação figurou como um elemento libertador, uma arma contra a pobreza, uma estratégia para escapar da situação em que se encontravam. Algumas mulheres contaram ter passado até fome para conseguirem concluir os seus estudos, enquanto outras enfrentaram a dificuldade do acesso físico à escola, principalmente nas zonas rurais. Uma entrevistada contou-

me que seus filhos precisavam atravessar o rio Pajeú a nado para chegarem até a escola e para tanto precisavam levar uma muda de roupa todos os dias para se trocarem e assim evitarem assistir às aulas com as suas roupas molhadas.

Felizmente as novas gerações vivem uma realidade completamente diferente daquela vivida por seus antepassados, como pude constatar durante minha visita à Escola Técnica Estadual (ETE) em Carnaíba. A ETE oferece ensino técnico de nível médio em regime integral para alunos entre 14 e 17 anos, proporcionando a estes jovens uma habilitação profissional direcionada ao mercado de trabalho. Fiquei entusiasmada em atentar que escolas deste padrão, comparável às melhores escolas europeias, são atualmente disponíveis em cidades sertanejas como Carnaíba.

Na ocasião, tive o prazer de ser convidada para ministrar uma palestra, proporcionando-me assim a oportunidade de interagir com esta nova geração de adolescentes sertanejos. Liderados por sua diretora, Luzinete Monteiro de Lima, cerca de 120 alunos, professores e funcionários da ETE estiveram presentes. Escolhi abordar o tema "O Poder dos Sonhos," baseado no meu livro de memórias *Os Mais Belos Sonhos Sonhei*. Ao relatar as minhas experiências de vida, almejava que eles pudessem se identificar com a minha história, e que essa história servisse como testemunho de que os nossos sonhos podem se concretizar, bastando apenas acreditar, perseverar e lutar por este ideal. Eu também fui uma adolescente sertaneja e sonhei em um dia me formar e conhecer outros países e outras culturas, sonho este que foi realizado.

Senti que a palestra foi bem recebida pelo nível de interação e interesse dos alunos e pelas muitas perguntas feitas por eles. Tiveram a curiosidade de saber como era viver na Inglaterra por tantos anos. Pediram que eu falasse algumas palavras em inglês, e principalmente queriam saber se eu já

tinha visto a Rainha Elizabeth II; ficaram exultantes quando respondi que sim e que havia jantado com o neto dela, o Príncipe Harry, quando ele estava de visita ao Brasil. Aproveitei esta oportunidade para transmitir a mensagem que, embora seja inegavelmente importante falar outras línguas e conhecer outros países, mais importante ainda é valorizar a própria terra, a sua cultura e a sua gente, ou seja, valorizar suas raízes. Procurei também enfatizar que eles procurassem tirar proveito da excelente educação que estavam recebendo, não somente para o seu próprio benefício, mas o de sua família, sua comunidade e seu país.

Depois da palestra, professora Kelma Juliana me procurou porque queria que eu conhecesse uma aluna talentosa e aplicada aos estudos chamada Beatriz Eduarda Lima Santos. Beatriz, ou Bia, como gosta de ser chamada, foi a minha entrevistada mais jovem. Seu depoimento foi importante por ilustrar a visão e experiências de vida da nova geração. Bia contou-me que morava com seus pais e irmãos em um pequeno sítio na zona rural de Carnaíba. Sua mãe trabalha como empregada doméstica e seu pai é agricultor.

Mostrando suas mãos calejadas, contou que desde cedo ajudava seu pai no trabalho árduo da roça, cultivando a terra e cuidando dos animais. Ao concluir o ensino fundamental numa escola da zona rural, ingressou na ETE em Carnaíba. Muito dedicada aos estudos, Bia é uma leitora assídua e escreve poemas lindos. Ao lhe perguntar se tinha fácil acesso aos livros quando estava no sítio, me entusiasmei ao constatar de que sempre teve amplo acesso à literatura na zona rural.

Bia é resultado de outra maravilhosa iniciativa chamada "Baú da Leitura", a qual visa estimular nas crianças e jovens o gosto pela leitura. Esclareceu-me Cecília Patriota que o projeto foi implementado em 2005 e desde então tem obtido excelentes resultados; trata-se de uma história de sucesso, na

qual livros são distribuídos em toda a rede municipal, nas escolas rurais e urbanas. As crianças são estimuladas a ler e compartilhar suas ideias através de cartinhas que escrevem aos seus colegas, incentivando desta forma uma análise crítica da obra. Como disse Cecilia, "Ao invés dos livros ficarem empoeirados nas bibliotecas, eles são colocados dentro de baús e disseminados para acesso aos alunos na sala de aula." É uma ideia genial a meu ver, pois "Se a montanha não vai a Maomé, vai Maomé à montanha." Isto explica os altos índices educacionais obtidos em Carnaíba.

Continuando a entrevista com Bia, conversamos sobre a seca, pois tinha curiosidade de saber que tipo de experiência teria esta nova geração no enfrentamento dos períodos de estiagem no Sertão. Bia, nascida em 2004, havia passado pelas privações do mais longo período de estiagem da história do semi-árido nordestino - de 2012 a 2017. Declarou que a família passou muitas dificuldades; seu pai precisou vender cabeças de gado e pensaram até em se mudar mas, no final, decidiram permanecer no sítio, pois o amor à sua terra falou mais forte.

Embora as novas gerações de sertanejos ainda enfrentem dificuldades durante os períodos de seca, iniciativas governamentais estão gradualmente aliviando os efeitos danosos da seca, evitando assim a miséria e o êxodo descritos por Rachel de Queiroz em *O Quinze* (1930) e Graciliano Ramos em *Vidas Secas* (1938).

Causou-me imenso júbilo constatar que, no que tange à educação, os horizontes se alargaram e hoje, diferentemente do que aconteceu com minha mãe, avó e bisavó, as mulheres não somente têm amplo acesso à educação, como também são incentivadas para tanto. "Dou o meu melhor na roça porque quero que meus filhos estudem, tenham o melhor e sejam os melhores" diz o pai de Bia. Ela, por sua vez, concluiu a entrevista dizendo "Não quero viver a mes-

ma vida que minha mãe viveu, não quero viver na mesma vida que meu pai vive."

Não posso deixar de refletir e ponderar como teria sido mais fácil a vida das minhas antepassadas se tivessem tido acesso à educação, e aos inerentes benefícios que ela traz; benefícios estes não somente às suas vidas privadas, mas também à sociedade. A exclusão da mulher da força de trabalho gerou um imenso desperdício intelectual, resultando potencialmente em perdas de profissionais capacitados para lidar para os problemas enfrentados pela sociedade. E desta forma foi negada às minhas antepassadas a oportunidade de contribuir para um mundo melhor para as futuras gerações.

Como disse o mais famoso educador e pedagogo brasileiro Paulo Freire (1921 - 1997). "Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda." "Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo."

O futuro que se descortina no horizonte sertanejo é promissor para as novas gerações. Excelentes escolas chegaram às cidades e às zonas rurais, propiciando um ensino fundamental e médio de alto nível, enquanto as universidades deixaram de ser privilégio das grandes capitais brasileiras e se espalharam nas regiões interioranas do país, assim democratizando a educação. Fortalecidas pela educação, as novas gerações de sertanejos certamente encontrarão as soluções para os problemas que afligem o seu povo.

Agradecimentos

Durante minha visita a Carnaíba tive o grande privilégio de lançar o meu livro de memórias *Os Mais Belos Sonhos Sonhei*. Foi uma ocasião memorável que me trouxe imenso júbilo, e para tal expressei minha gratidão ao apoio do prefeito Anchieta Patriota e pelo trabalho árduo de Vancide Queiroz, Neném Geraldo e Lidianie Salvador de Lima, na meticulosa organização e linda decoração do evento. Agradeço à minha prima Herminia Azevedo Lira, chef altamente especializada, que nos ofereceu um delicioso buffet preparado com ingredientes regionais da culinária sertaneja, e a Antonio Geraldo pela cobertura de todo o evento.

Escrever *Raízes Sertanejas* foi uma experiência fascinante e que me proporcionou imensa gratificação. As horas árduas de trabalho e pesquisa foram compensadas pelo imenso prazer em entrar em contato com vários membros da minha família, espalhados por vários estados brasileiros: Maria do Carmo Pires Cavalcanti Nunes Bastos, Kleber José Pires Cavalcanti, Simone Pires Cavalcanti Machado, Andréa Carmem Cavalcanti Machado de Moraes, Wilma Maria Pires Cavalcanti Machado, Zilda Matias Mendes Cavalcante, Lindinalva Tenório Rodrigues dos Santos, Socorro Miguel, Maria de Lourdes Azevedo Lira. A todos deixo os meus agradecimentos, sem os quais não teria o material necessário para escrever o livro.

Agradeço carinhosamente às minhas irmãs por todas as suas importantes informações: Deodet Tenório Basto, Deusdedit Silva Bezerra, Dulcinete Miguel da Fonseca, Divonete Tenório Ferraz Gominho, Maria de Lourdes Neta (D'Lourdes), Dilma Tenório Araújo e Dalvanete Tenório da Silva. À querida Nilce Pereira de Carvalho (Nicinha) e ao primo Wellington Tenório agradeço por seus importan-

tes depoimentos, e a Deodet pelas fotografias dos nossos ancestrais, guardadas cuidadosamente por ela.

Sou especialmente grata aos primos Maria Helena Rodrigues de Oliveira, e Mário Tenório de Oliveira, a quem devo grande parte das informações contidas nos Capítulos I, II e III; agradeço pelas muitas horas que me dedicaram, sempre prontos a me prestar informações e responder as minhas perguntas. Mário também me proporcionou acesso a relevantes documentos, verdadeiras relíquias históricas que ele guarda cuidadosamente, como o título de eleitor do nosso bisavô João Tenório de Mascarenhas, e sua carta patente de Tenente da Guarda Nacional datado 1888.

Ao Pe Luiz Marques, conhecido carinhosamente como Padre Luizinho, agradeço pela conversa enriquecedora sobre a sua experiência eclesial, durante os dez anos em que foi pároco na cidade de Carnaíba.

À amiga Vancide Queiroz devo minha gratidão por ter lido com muito carinho o manuscrito original deste livro.

Meus agradecimentos a David Randall, pela meticulosa revisão deste livro e por sua dedicação e desvelo ao seu trabalho.

À Secretária de Educação do município de Carnaíba, Sra Cecília Maria Peçanha Esteves Patriota, agradeço imensamente por dedicar seu tempo e expertise, proporcionando-me importantes informações na área educacional.

Finalmente, gostaria de expressar minha sincera gratidão ao prefeito de Carnaíba Dr. José de Anchieta Gomes Patriota, por seu apoio irrestrito durante minhas visitas à cidade e por amavelmente escrever o prefácio de *Raízes Sertanejas*.